



C A P Í T U L O 5

O EXÍLIO DE FLORESTAN FERNANDES NO CANADÁ (1969-1972): TRAJETÓRIA DE VIDA E EXPERIÊNCIA INTELECTUAL¹

Fábio Ruela de Oliveira

Doutor em História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF) em 2010.
Professor Associado C do Departamento de História da Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO), campus Santa Cruz, Guarapuava/PR.

Dedico à Ângela Moraes Teixeira (in memoriam), que nos deixou há pouco tempo, com amor e gratidão, meus e de Luiza.

INTRODUÇÃO

Na trajetória de muitos intelectuais do século XX o exílio foi uma experiência singular. Assim foi com Florestan Fernandes, um de nossos grandes pensadores sobre a realidade brasileira. O exílio intelectual marcou sua vida e obra, não necessariamente para criar fases, como em “antes” e “depois”, mas tal experiência deixou um conjunto de significados.

No passado próximo, no ano de 2020, em alguns eventos e textos de jornais e revistas que marcaram as efemérides dos 100 anos de nascimento de Florestan Fernandes, o período de exílio não foi lembrado, contemplado ou analisado.²

Os perfis biográficos sobre Florestan Fernandes, elaborados por vários pesquisadores e publicados em diversos artigos, livros, apresentações, capítulos e prefácios, além de exaltarem o sociólogo, lembram do político exemplar que foi, como deputado federal pelo Partido dos Trabalhadores (PT), eleito para dois

¹ Este trabalho, com algumas poucas atualizações e correções, é o resultado de pesquisas de um Estágio de Pós-Doutorado, realizado junto ao PPGH/UFF-RJ, sob a supervisão do Prof. Dr. Carlos Gabriel Guimarães, entre setembro de 2021 a setembro de 2022, período no qual obtive, pelo período de um ano, o afastamento integral de atividades docentes para qualificação pela UNICENTRO/PR. Meus agradecimentos: ao Prof. Carlos Gabriel por suas leituras e supervisão e aos professores e amigos Hélvio A. Mariano, que, há alguns anos atrás, notou as raras menções a este tema, que espero ter desenvolvido aqui, e ao Rodrigo Davi Almeida, pelo convite desta publicação.

² ARRUDA, 2020 & BRASIL JR, 2020. Cf. também a leitura teatral da peça *Vicente e Antonio: a história de uma amizade – Florestan Fernandes e Antonio Candido*, (Grupo Tapa) disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=8DeP2TJ3XXE&t=31s> Duração: (2h0m24s). E “as mesas redondas” do evento *Florestan Fernandes 100 anos – Ciclo de Seminários*, promovido pela FFLCH / USP, ocorrida nos dias 08, 15, 22 e 29 de julho de 2020, disponível em <https://www.youtube.com/channel/UCNiH334YQslyCIYxjkM0X8A>

mandatos (1987-1994). Além disso, relatam igualmente sobre as dificuldades que ele enfrentou após abril de 1964 e a aposentadoria compulsória em 1969, consequência do AI-5, tensão que o afasta para um exílio intelectual como professor na Universidade de Toronto no Canadá. Entretanto, sobre a experiência de exílio do sociólogo, tais descrições biográficas trazem relatos curtos e repetitivos, com as mesmas informações e demonstram, portanto, a evidente sombra que ainda paira sobre o afastamento de Florestan para o Canadá.³

Alguns pesquisadores evidenciam a necessidade de se investigar sobre este tema. A historiadora Lidiane Soares destaca que: “Há, entretanto, sensível lacuna de material para reconstituição do período em que leciona no Canadá.”⁴ Já o sociólogo Diogo V. A. Costa enfatiza que: “Ainda está por se fazer um estudo mais detalhado das redes intelectuais e acadêmicas de Florestan Fernandes na Universidade de Toronto, ou mesmo de outros seus estágios e passagens em universidades do exterior.”⁵ Assim, este trabalho é uma tentativa de esclarecer ainda mais este período, através de mais dados e informações e por meio da reunião e organização dos indícios existentes acerca deste exílio intelectual.

Sylvia G. Garcia afirma que: “Com extrema sensibilidade humana e sociológica, Florestan faz a própria história de vida, oferecendo-se como informante excepcional.”⁶ Outros autores que escreveram sobre ele, estão essencialmente fundamentados nos livros e entrevistas do próprio Florestan, sobretudo em diversos textos posteriores à 1969, como notas explicativas, introduções, capítulos, artigos, vários depoimentos e as correspondências (publicadas ou não). Sylvia Garcia destaca ainda que em tais escritos autobiográficos o mestre sociólogo “fala demais, afirma e hesita, ele expõe ambiguidades que revelam dilemas sociais, que confrontam desejo e história pessoal e limites e possibilidades socialmente estabelecidos.”⁷

³ Cf. a bibliografia: ARRUDA, 2010, p.18; ARRUDA & GARCIA, 2003, p.118; CANDIDO, 2001, p. 39; CARDOSO, 1995, p. 8; CERQUEIRA, 2004, p. 91, 101-105, 113-115; COSTA, 2020, p. 292-293; DEL ROIO, 2007, p.116; FERNANDES, 2007, p. 43-51; FERNANDES, 2011a, p. 15-18; FERNANDES, 2019, p. 31; FREITAG, 1996, p. 130; GARCIA, 2002, p. 163; IANNI, 2008, p. 8; MIRANDA, 1996, p. 7; MOREIRA, 2019, p. 13; MOTA, 1998, p. 13; MOTA, 2000, p. 197; OLIVEIRA, 2010, p. 63, 69-72; QUERIDO, 2024, p. 66-69; RODRIGUES, 2010, p.50-52, 56-57, 98-99, 104, 120, 149, 151, 167-169, 178-179; 201. SEREZA, 2005, p.149-155 e 159; SOARES, 1997, p. 78-83. Com exceção de FERNANDES, 2007 e COSTA, 2020; pois apresentam mais elementos e ampliam os relatos sobre o período canadense. E também RODRIGUES, 2010 discute a produção intelectual relacionada ao exílio.

⁴ RODRIGUES, 2010, p. 52.

⁵ COSTA, 2020, p. 293.

⁶ GARCIA, 2002, p. 17.

⁷ *Idem*. Tais escritos, entrevistas e livros, sobre os quais trataremos mais à frente, e que foram igualmente discutidos pelas pesquisadoras Sílvia G. GARCIA (2002, p. 17) e Lidiane S. RODRIGUES (2010, p. 52) são os livros *A condição de Sociólogo* (1978) e *A Sociologia no Brasil* (1976a) e a entrevista *Florestan Fernandes, história e histórias* (1981) in: FERNANDES, 2008, p. 96-147. Somado a estas destaca-se também as cartas enviadas a Barbara Freitag e publicadas em *Estudos Avançados*, v. 10 nº. 26, p. 135-164; e as notas explicativas, notas de rodapé, introduções e prefácios das obras de Florestan, elaboradas e editadas durante e após o período de exílio e as entrevistas reunidas e organizadas por Amélia Cohn para o volume *Florestan Fernandes* da coleção “Encontros” da Azougue Editorial (FERNANDES, 2008).

Nos textos sobre o sociólogo brasileiro, e especificamente naqueles a respeito de seu afastamento para o exterior, uma questão candente surge: Florestan viveu somente um exílio ou mais de um? Após ser preso por 3 dias, em setembro de 1964, ele se afastou no ano seguinte, entre o último semestre de 1965 e janeiro de 1966, para ser *Visiting-scholar* na Universidade Colúmbia, de Nova York.⁸ Na década de 1970 realizou outras duas viagens de trabalho para a América do Norte: uma para debater seu livro *A revolução burguesa no Brasil*, em abril de 1976, na Universidade do Texas, em Austin⁹, e outra como *Visiting-professor* na Yale University, no primeiro semestre de 1977.¹⁰ Tais incursões, para além dos anos de Canadá, podem se configurar noutros exílios, ou constituem o “semi-exílio” de que testemunhou e classificou o seu colaborador na década de 1960, Fernando Henrique Cardoso.¹¹

O período vivido por Florestan no exterior não será tratado aqui como um marco de ruptura em sua obra e trajetória de vida, mas sim como uma experiência intelectual que deixou alguns significados específicos ao longo do percurso.¹² O trabalho fundamenta-se nas fontes existentes em publicações e arquivos públicos, como em bibliografias sobre Florestan Fernandes e em textos, entrevistas e correspondências (cartas) do sociólogo e aquelas missivas que recebeu de outros intelectuais.

Entre os possíveis significados que se podem dirimir na experiência de exílio de Florestan, relaciona-se alguns que se processaram simultaneamente, e seriam: I) uma formação como professor estrangeiro, consolidando referenciais e temas nos quais continuará trabalhando até o final da vida; II) o aprofundamento de seus estudos sobre os temas revolução, marxismo, intelectuais e América Latina, presentes em toda a obra depois do exílio, e que também lhe afetaram profundamente a melancolia e lhe propiciaram um conflito ético e moral, acerca do papel dos intelectuais no mundo contemporâneo da segunda metade do século XX; e III) o reconhecimento das dificuldades do exílio, aspecto significativo para sua trajetória de vida.

Para analisar os indícios do período de exílio algumas questões norteadoras e problemáticas configuram-se em instrumentos para a abordagem do material. Tais questões seriam: como foram estas incursões aos Estados Unidos e quais atividades e contatos desenvolveu lá? Quem foram aqueles que ouviram Florestan no exterior? Quem foram os brasileiros que delataram, isolaram e evitaram Fernandes aqui no Brasil? Como foram os dias vividos no Canadá? Qual o significado do exílio de Florestan para a história intelectual e política do Brasil? Quais aspectos em sua obra demonstrariam uma influência direta dos anos de exílio? Quais cursos e conferências

⁸ FERNANDES, 2008, p.187; FERNANDES, 2011a, p. 15 & *Estudos Avançados* v.10, n.26, 1996, p. 56.

⁹ Cf. o capítulo 6, p. 115, do livro *Brasil: em compasso de espera – pequenos escritos políticos* (FERNANDES, 2011b).

¹⁰ FERNANDES, 2018, p. 195 & *Estudos Avançados* v.10, n.26, 1996, p. 56.

¹¹ CARDOSO, 1987, p. 30. Fernando Henrique Cardoso foi Presidente da República do Brasil entre 1994 e 2002.

¹² MARTINS, 2019, p. 11-19.

ele ministrou durante sua passagem pelo Canadá e Estados Unidos? O sociólogo teria mantido vínculos com grupos intelectuais e políticos na América do Norte? Quais foram os principais temas e trabalhos desenvolvidos em seu exílio intelectual?

Com a devida cautela, frente aos obstáculos de se investigar o exílio de Florestan, pois, como informa Lidiane Soares: “A dificuldade, no que se refere à reconstituição factual de sua estada no Canadá deve-se a exiguidade de documentos disponíveis.”¹³ Assim, nem todas estas questões serão suficientemente respondidas, porém, o objetivo foi acrescentar novos elementos e perspectivas sobre a trajetória intelectual do sociólogo brasileiro, que se constitui num tema de pesquisa permanente. Esta investigação consultou o espólio pessoal do sociólogo, na atual “Unidade Multidisciplinar de Memória e Arquivo Histórico – UMMA”, localizada no último andar da Biblioteca Comunitária da Universidade Federal de São Carlos/SP (BCoUFSCar).

SOBRE O SOCIALISMO E O MARXISMO EM FLORESTAN FERNANDES

O impacto dos exílios na vida e na obra de Florestan poderia ser mensurado e justificado a partir da tese de Barbara Freitag – proferida no evento de homenagem a Fernandes na UNESP/Marília-SP em 1986 –, que propôs haver uma “ruptura epistemológica” na obra do sociólogo, marcada a partir de 1968 por uma fase mais revolucionária. Entretanto, é necessário analisar melhor esta tese e reavaliar a sua atualidade. Nas palavras da socióloga:

Para desenvolver o meu tema [Democratização, Universidade, Revolução], partirei da tese de uma “ruptura epistemológica” na obra de Florestan Fernandes, que permite distinguir uma fase acadêmico-reformista de uma fase político-revolucionária. Biograficamente, o momento do corte coincide com sua aposentadoria compulsória pelo AI-5, em 1968.¹⁴

O período destacado por Barbara Freitag se inicia com o evento repressivo de 1968, que promoveu o afastamento de Florestan para o exterior no ano seguinte. No entanto, dez anos depois, numa homenagem referente ao falecimento de Florestan, ela revelou: “Florestan não gostou da tese que lá defendi, em sua presença, sobre a existência de um ‘corte’ em sua obra, separando o ‘acadêmico-reformista’ do ‘político-revolucionário.’”¹⁵ E a socióloga afirma ainda que

no momento em que geograficamente estaríamos mais ‘próximos’, morando ambos em Brasília que permanecemos acadêmica e afetivamente mais distantes. Tenho a impressão que o deputado Florestan Fernandes não me perdoou a avaliação de Marília.¹⁶

¹³ RODRIGUES, 2010, p. 52. A autora informa que na época de sua pesquisa (2004-2006) não pôde ter acesso ao espólio pessoal completo de Florestan Fernandes, na Biblioteca Comunitária da Universidade Federal de São Carlos (BCoUFSCar), que poderiam esclarecer mais.

¹⁴ FREITAG, 1987, p. 164.

¹⁵ FREITAG, 1996, p. 131.

¹⁶ Idem.

O que Freitag – reconhecida correspondente por cartas com Fernandes, ao longo de muitos anos – classifica como período de Brasília é o período em que Florestan exerceu seus dois mandatos de deputado federal pelo Partido dos Trabalhadores – PT (de 1987 a 1994), o partido que, naquele momento, encontrava-se muito mais na esquerda política do que observado nos últimos anos e atualmente. Barbara Freitag foi casada com Sérgio Paulo Rouanet (1934-2022), intelectual de orientação liberal que naquele período se posicionou com a direita política brasileira, como se comprova pelo cargo de *Secretário da Cultura* que ocupou no governo do presidente Fernando Collor de Melo. O distanciamento apontado por Barbara se relaciona a essa diferença política, pois Florestan foi oposição ao governo Collor quando deputado federal.

Na biografia de Laurez Cerqueira este debate é recuperado de maneira breve, e o autor aponta “que a prisão e o banimento de Florestan do Brasil foram um marco em sua vida, (...)”. Desse episódio em diante ele estreitou ainda mais seus vínculos com o movimento de esquerda, dando contribuições concretas para a construção da democracia no Brasil.”¹⁷ O biógrafo de Florestan está fundamentado na proposição de Barbara Freitag, entretanto, lembra a leitura divergente da socióloga Miriam Limoeiro Cardoso, “que percebe um lastro em toda a obra dele.” De fato, Limoeiro Cardoso, em artigo sobre a obra de Fernandes, escreve:

penso como um conjunto a sua produção que se estende de 1946 a 1967. Não estou afirmando que 1967 corresponda a um ponto de inflexão na produção de Florestan Fernandes. Parece-me, mais, que 1967 marcaria o coroamento de um esforço interpretativo, em que ele já é capaz de demarcar com precisão metodológica, conceitual e teórica uma problemática inovadora, na qual vinha trabalhando desde 1955, (...)”¹⁸

À reavaliação de Barbara Freitag e aos apontamentos de Miriam Limoeiro deve-se acrescentar ainda as palavras do próprio Florestan, em depoimentos nos quais declara abertamente sua posição socialista e marxista.

Numa entrevista de 1975 ele afirma: “Eu já era socialista antes de começar a lecionar na Faculdade de Filosofia e, inclusive, tive alguma militância em movimentos de esquerda como socialista.”¹⁹ Noutra entrevista, de 1981, ele reafirma: “Eu sempre fui socialista. Não me conheci em outra posição desde que eu tenho ideia do que é atividade política.”²⁰ Observe que essas duas entrevistas são de anos anteriores à tese proposta por Barbara Freitag.

O engajamento socialista do jovem Florestan é confirmado pelo seu amigo de toda a vida, Antonio Candido, que lembra “também a importância da sua inclinação precoce pelo marxismo.”²¹ Nosso maior crítico literário recorda a tarefa que foi

¹⁷ CERQUEIRA, 2004, p. 113.

¹⁸ CARDOSO, 1996, p. 91.

¹⁹ FERNANDES, 1978, p. 153.

²⁰ FERNANDES, 2008, p. 117. Neste livro organizado por Amélia Cohn, que reuniu várias entrevistas e discursos do sociólogo, Florestan Fernandes destaca seu engajamento ao marxismo em muitas outras páginas. (FERNANDES, 2008, p. 27, 147, 168, 176, 178, 179, 180, 192, 219)

²¹ CANDIDO, 2001, p. 51. Essa bonita amizade de mais de 50 anos, entre Antonio Candido e Florestan

passada à Florestan em 1945 por Hermínio Sacchetta, para traduzir e prefaciar o texto *Contribuição à Crítica da Economia Política* de Karl Marx, que saiu pela Editora Flama em 1946, trabalho o qual Candido testemunha que “foi o primeiro grande ato político de Florestan.”²² O crítico complementa: “Apesar de ser um rapaz de 25 anos, fez uma introdução erudita e penetrante, com grande conhecimento da matéria, denotando iniciação segura nesses temas, o que leva a crer que já possuía alguma formação marxista anterior, embora com certeza recente. É uma suposição.”²³

Além dessas memórias, Antonio Candido dedicou muitas outras páginas para evidenciar a vigorosa posição marxista de Fernandes, assim como Otávio Ianni, outro grande sociólogo, amigo de Florestan.²⁴ No prefácio ao livro *A Condição de Sociólogo* (1978), Antonio Candido destaca que Florestan “sempre teve uma poderosa vocação política”, e que “sempre foi um homem de luta, um combatente nato”, ou “um militante sem repouso, tão inquieto e dedicado hoje quanto era em 1943, quando o vi pela primeira vez.”²⁵ Candido também admite a possibilidade da divisão da obra de Florestan em fases, entretanto, acreditava que todas essas leituras que Fernandes realizou vorazmente nos anos 1940 e 1950, com sociólogos e tradições de quadrantes políticos os mais diversos,

se ordenava então para ele numa espécie de estrutura paralela, que foi o ponto de partida das suas sínteses futuras: de um lado era já de certa maneira marxista, como prova a introdução que fez para a tradução da *Crítica da Economia Política*; de outro lado era um sociólogo acadêmico.²⁶

O historiador e autor da obra *Ideologia da Cultura Brasileira*, Carlos Guilherme Mota, em páginas decisivas sobre Florestan – nesta que foi sua tese de livre-docência de 1975, publicada em várias edições e um clássico da historiografia sobre a cultura e a intelectualidade brasileira –, ressalta em nota de rodapé que “o pensamento crítico do Autor já se esboçara vigoroso nos anos 40.”²⁷

Na única parte dedicada à vida e a obra de Florestan Fernandes, dentro dos volumes da *História do Marxismo no Brasil*, especificamente o capítulo 2 do volume 4 – “Visões do Brasil”, p. 114-124, Marcos Del Roio também destaca que:

Identificado com as classes subalternas, até mesmo pela sua origem social (era filho de lavadeira), Florestan Fernandes aproximou-se ainda bastante jovem (em 1939) do recém composto Partido Socialista Revolucionário (PSR), um pequeno agrupamento marxista que, inspirado no ideário de Trotski, se opunha à perspectiva então dominante no PCB de apoiar o industrialismo burguês.²⁸

Fernandes é sempre lembrada em sua biografia, e apontada como fundamental na formação de ambos, como intérpretes do Brasil. Cf. CERQUEIRA, 2004, pp. 32-35, 40, 46, 49 & CANDIDO, 2001.

²² CANDIDO, 2001, p. 71.

²³ Idem, p. 71-72.

²⁴ Idem, ibidem p. 56, 59, 60, 61 & IANNI, 2008, p. 42-43.

²⁵ CANDIDO, 2001, p. 15-16.

²⁶ Idem, p. 30.

²⁷ MOTA, 2000, p. 191.

²⁸ DEL ROIO, 2007, p. 115.

No início do século XXI, uma elaboração crítica à tese de Bárbara Freitag ficou registrada pela historiadora Lidiane Soares Rodrigues, expoente qualificada da nova geração de intelectuais, que se debruçou sobre a obra e a vida do mestre sociólogo, e evidenciou num parágrafo que:

Dentre muitos procedimentos para se opor à perspectiva de Bárbara Freitag, é possível identificar a eliminação mesma da linha divisória que a origina, apagando o golpe militar do horizonte de compreensão da trajetória. Com isso, fica estabelecida uma *memória* que se forja pelo esquecimento de um fato reconhecidamente indelével no percurso do autor. Elabora-se mesmo um *mito de origem*, pelo qual ele seja sempre o mesmo e, ao longo do tempo, a historicidade não se manifeste, mas se reproduza um padrão de pensamento e ação. Por sua vez, localizar na aposentadoria compulsória o marco de uma suposta radicalização à esquerda de Florestan Fernandes instaura inegavelmente um *mito de ruptura*, selando a trajetória em “antes” e “depois”. Tanto um quanto outro procedimento, ao instaurarem os respectivos mitos, opõe-se ao trabalho historiográfico, cuja preocupação se dirige à historicidade na raiz tanto de um, quanto de outro. Por isso, é preciso encontrar uma alternativa, tanto à mencionada dicotomia cujo eixo instaura um mito, quanto à eliminação do evento político, que instaura outro.²⁹

Portanto, esse incontornável debate àqueles que percorrem as obras sobre Florestan, vai perdendo sua força de atenção. Como foi demonstrado, a partir das reconsiderações de Barbara Freitag dez anos após expor sua tese; passando pelas colocações do próprio Florestan Fernandes e pelas análises de Antonio Candido, Carlos Guilherme Mota e Marcos Del Roio ao evidenciarem o prematuro radicalismo e marxismo de Fernandes; e fechando com o alerta de Lidiane Soares, de que a criação de “mitos de origem” e “mitos de ruptura” são obstáculos ao trabalho historiográfico e à busca de historicidade; assim, todos estes elementos vão marcando um movimento de superação da tese proposta por Barbara Freitag em 1986. Porém, é importante notar que ensaios recentes, que abordam Florestan Fernandes, continuam a dar destaque para a tese de Freitag, desconhecendo este debate desenvolvido aqui, e mesmo a reavaliação da autora.³⁰

Outra manifestação que questiona e critica o marxismo no jovem Florestan dos textos autobiográficos e entrevistas, acusando o sociólogo de ser anacrônico, é oriunda do respeitado historiador Fernando Novais. Numa entrevista de 2004 o historiador assim se expressa:

O perigo do anacronismo é mais violento na autobiografia. Um exemplo candente: Florestan Fernandes, nas últimas entrevistas dele, faz questão de dizer que sempre foi marxista. Anacronismo grave, basta ver seus primeiros trabalhos. (...) É muito difícil você contar sua vida sem ser anacrônico. A tentação é contar a vida que você queria que tivesse sido.³¹

²⁹ RODRIGUES, 2010, p. 53-54. Em nota de rodapé, na página 54, Lidiane Soares agradece ao seu “professor Marcos Napolitano a observação a respeito desses dois ‘mitos’”.

³⁰ QUERIDO, 2024, p. 66.

³¹ NOVAIS, 2005, p. 398-399. Lidiane Soares Rodrigues também incorpora e defende esta argumentação de Fernando Novais, ao apontar as ambiguidades no sociólogo e afirmar que “Florestan oscila, incessantemente, entre a autoconsciência anacrônica e a confissão melancólica.” (RODRIGUES, 2010, p. 109-111).

Entretanto, aqui é necessário abrir mais um debate, e problematizar as afirmações de Fernando Novais criticando as entrevistas de Florestan Fernandes utilizadas aqui para subsidiar as informações sobre o exílio. Além de desconsiderar os testemunhos de Antonio Candido e as observações de Miriam Limoeiro, de Carlos Guilherme Mota e de Marcos Del Roio, Novais parece considerar como “os primeiros trabalhos” de Florestan apenas aqueles escritos de cunho acadêmico e universitário, descartando os artigos que Florestan publicou em jornais nos anos 1940. Num desses artigos, intitulado “O romance político contemporâneo” – publicado na *Folha da Manhã* de 27/07/1944 e reunido no livro *A força do argumento*, por João Roberto Martins Filho –, Florestan disserta sobre uma corrente da literatura contemporânea representada por Jonh Steinbeck entre outros, e escreve:

Hoje, o campo do romance moderno, quando se propõe servir como documentação da vida humana, é muito mais amplo. Ele tenta fixar, sobretudo, o aspecto atual do fenômeno, isto é, a luta que se trava em quase todos os países entre as massas e a classe dominante – a burguesia. Como estes elementos contam com o poder organizado, o poder político – o Estado –, essa luta se apresenta principalmente como luta política. E o romance se apresenta caracteristicamente como romance político, tal como Steinbeck, Silone, Ehrenburg etc.³²

Portanto, a partir do fragmento acima pergunta-se: será que não existe nenhuma perspectiva marxista nessas linhas? Quais são os parâmetros para se atribuir a um intelectual a classificação de ser ou não marxista nas décadas de 1940 e 1950? Acrescente-se que a *Folha da Manhã* era a antiga denominação da atual *Folha de S. Paulo*, um dos principais jornais da capital paulista e do Brasil, que naquela época remunerava artigos como o de Florestan, e portanto, configurava um trabalho intelectual, digno de apreciação crítica e análise histórica. Assim, como se processaria o anacronismo de Florestan atribuído por Fernando Novais? Será que em todos os argumentos expostos, o que se percebeu até aqui foi somente o de um cientista social a descrever uma vida que ele “queria que tivesse sido”?

Contraditoriamente, numa entrevista anterior, o próprio Fernando Novais reconhece as habilidades marxistas de Florestan Fernandes, ao tratar do famoso “Seminário Marx” dos anos 1960, grupo do qual fez parte. Novais afirma:

(...) O Florestan até ficou agastado com o pessoal do grupo, mas sempre digo aos meus alunos que a melhor exposição que conheço sobre o materialismo histórico é a introdução ao volume *Marx/Engels: história*, na coleção Grandes Cientistas Sociais, feita pelo Florestan. Sua introdução é a melhor exposição de conjunto do marxismo que conheço. Porém, ele tem aquela leitura muito cientificista de Marx, e nossa formação no grupo era mais voltada aos problemas teóricos, filosóficos e metafísicos.³³

E nesta mesma entrevista do ano 2000, ao responder sobre como o marxismo entrou na Universidade de São Paulo, Fernando Novais complementa que foram “de várias maneiras. Pelo curso do Florestan, que ensinava um marxismo que não era

³² FERNANDES, 1997, p. 21.

³³ NOVAIS, 2005, p. 347.

de cartilha.”³⁴ É possível afirmar que as origens da introdução do volume da Editora Ática estão situadas naquela edição da Flama de 1946, lembrada por Antonio Candido. Quando Novais afirma que o marxismo de Florestan “não era de cartilha”, ele confirma o que foi exposto, ou seja, o de que o marxismo de Florestan não era ortodoxo, não era stalinista, e nem orientado pelo Partido Comunista. Pois, “ser de cartilha” nos anos 60, ou ainda hoje, significava e significa ser stalinista. Assim, esta é mais uma confirmação da tendência trotskista no marxismo de Florestan.³⁵

O aspecto cientificista dos escritos do sociólogo, observado por Novais, é compartilhado por outro intelectual de destaque, igualmente participante do “Seminário Marx” e do CEBRAP. O crítico literário Roberto Schwarz, diligente discípulo de Antonio Candido – numa entrevista originalmente publicada em 2009, em virtude dos “40 anos do CEBRAP” –, foi questionado se havia sido aluno de Florestan no final dos anos 1950, na Faculdade de Ciências Sociais da USP, e respondeu:

Não fui. Mas vou confessar um pecado. Eu implicava com a linguagem dele. O Florestan era uma das estrelas do curso e todo mundo o lia e fazia optativa com ele no quarto ano. (...) Mas assisti a algumas aulas dele, que eram abstratas e tinham uma sobrecarga de terminologia especializada.³⁶

Roberto Schwarz continua a criticar a linguagem do cientista social e aponta ainda que “havia por parte do Florestan uma espécie de birra com o modernismo,” e

que alguns setores da faculdade pagaram um preço alto por isso. O próprio Florestan certamente pagou, porque inventou uma linguagem que o separava da língua corrente e fez com que os textos dele fossem desnecessariamente inacessíveis. Mais tarde, quando virou político, ele mudou e passou a procurar uma prosa com mais capacidade de comunicação.³⁷

Mesmo que críticos à linguagem de Florestan –, Roberto Schwarz (que igualmente não se refere aos artigos de jornais dos anos 40) e Fernando Novais –, manifestam um reconhecimento honroso sobre o professor, apresentam o prestígio que Florestan tinha nos anos 60 e Schwarz reconhece com certa ironia é claro, que a sua implicância seja “um pecado”. Entretanto, é preciso problematizar que Florestan não tomou parte no “Seminário Marx” e se recusou a compor o CEBRAP.

Assim, o *Seja como for* (2019) de Schwarz e o *Aproximações* (2005) de Novais, ambas obras de indiscutível contribuição, de extrema lucidez, para a historiografia e a crítica brasileira nos últimos anos, e a propósito de divulgarem o pensamento de Florestan com muita maestria, os dois “cebrapianos” e teóricos da dependência,

³⁴ Idem, p. 345.

³⁵ Cf. COGGIOLA, Osvaldo. *Historia del trotskismo en Argentina y América latina*. (Buenos Aires: RyR, 2006) *apud* Michel Goulart da Silva, quando destaca que: “Décadas antes, entre 1943 e 1953, Florestan Fernandes atuou em uma pequena organização trotskista, o Partido Socialista Revolucionário (PSR), surgido como oposição à ditadura de Getúlio Vargas. Essa organização clandestina, produto das crises e cisões das primeiras gerações trotskistas no Brasil, influenciou de forma bastante marcante na formação teórica de Florestan Fernandes.” (SILVA, 2012, p. 55)

³⁶ SCHWARZ, 2019, p.273.

³⁷ Idem, p. 277-278.

tendem, talvez a desenvolver um preconceito acadêmico acerca das primeiras teses universitárias de Florestan Fernandes. Por exemplo, quando Schwarz fala que tais escritos eram “desnecessariamente inacessíveis” ele sinaliza um caráter inacessível, que opera para afastar as novas gerações de leitores e eventuais estudantes da obra de Florestan. Todos eram amigos e se respeitavam no âmbito universitário da USP da segunda metade do século XX, mas obviamente havia diferenças nos tons teóricos relacionados ao marxismo e a teoria crítica. A participação dos dois no CEBRAP e a recusa do sociólogo ao convite para fazer parte do centro, também estão relacionadas a tais críticas.³⁸

Além do mais, essa longa exposição acerca do marxismo em Florestan, mesmo que ele nunca tenha se filiado ao Partido Comunista Brasileiro (PCB)³⁹, faz-se necessária, pois foi esse posicionamento político convicto do sociólogo, que, como constatado, não perturbava somente outros intelectuais de esquerda no país, mas também ao regime instaurado a partir de 1964 e que o empurrou para o banimento intelectual, e ao exílio na Universidade de Toronto.

FLORESTAN FERNANDES, O GOLPE MILITAR DE 1964 E SUA APOSENTADORIA COMPULSÓRIA EM 1969

Em 1964 Florestan Fernandes completou 44 anos de idade, e era um pensador brasileiro internacionalmente reconhecido, que estava no auge de sua carreira acadêmica e na plena maturidade intelectual. Com muitas publicações e professor da Universidade de São Paulo, obtinha toda a distinção social e econômica que este cargo significava, entretanto, não se calou diante da intransigência do golpe militar de abril daquele ano.

O regime de exceção que se impôs naquele momento na USP, teria percorrido quatro etapas. Num resumo dos escritos de Florestan sobre os impactos de 1964 na USP essas fases seriam: 1º. o recurso da intimidação, as buscas policiais de pessoas, cuja função consistia em criar um pânico incontrollável; 2º. as listas de inquérito policial militar, passo que envolvia um terrorismo cultural; 3º. o serviço de espionagem entrou em cena e ficou evidente o propósito de aprofundar a repressão e 4º. a prisão pura e simples dos que possuíam um prontuário político mais rico, com o intuito de derrotar o adversário sem luta ou com o mínimo de luta.⁴⁰

As circunstâncias da prisão em setembro de 1964 e da aposentadoria compulsória em abril de 1968 estão registradas nas biografias e estudos sobre Florestan, que são fundamentadas essencialmente nas próprias declarações do sociólogo, contidas no seu livro *A Questão da USP*.⁴¹

³⁸ Fabio Mascaro Querido, ao analisar esta mesma questão, sinaliza que Florestan foi “escanteado pelos alunos radicalizados em função de seu ecletismo intelectual” (QUERIDO, 2024, p. 66). Entretanto, veremos mais a frente que Florestan que se recusou a integrar o CEBRAP.

³⁹ Florestan afirmou que aspirava ir para o PC (Partido Comunista Brasileiro), mas as circunstâncias o levaram ao trotskismo, e que também não gostou da disciplina do PC. (Cf. FERNANDES, 2008, p. 147 e 179).

⁴⁰

⁴¹ Idem, p. 95-112.

O regime militar vigorava há dois meses, e o clima de tensão aumentava na Universidade de São Paulo (USP). Os órgãos de repressão juntamente com alunos e professores da universidade que aderiram ao golpe elaboraram uma lista dos acadêmicos que eles entendiam que deveriam ser expulsos da USP e entre estes nomes estava o de Florestan. A lista seguiu para o executivo federal, mas o marechal Castelo Branco não proferiu a decisão por entender que não era sua competência aplicar punições à professores de uma universidade estadual e reencaminhou a demanda para o governo de Adhemar de Barros. Neste trâmite do documento o nome de Florestan foi retirado da lista, por iniciativa de Júlio de Mesquita Filho (o proprietário do jornal *O Estado de S. Paulo*) que solicitou a intermediação de um outro general, conforme informado ao sociólogo pelo amigo Paulo Duarte. Florestan ficou irritado com a intromissão de Júlio de Mesquita no caso e a partir de então a amizade deles ficou abalada. Logo que o documento retornou à São Paulo Florestan solicitou que seu nome retornasse à lista de cassados. O governador paulista, por sua vez, num primeiro momento não aplicou a demissão à Florestan, temendo a repercussão da expulsão do professor de Sociologia.⁴²

Depois disso, como um intelectual público, Florestan continuou expressando suas críticas ao novo governo e às propostas de reestruturação do ensino superior, em palestras junto aos estudantes da universidade, aos movimentos sociais e aos jornais. Como estas atividades foram rigorosamente monitoradas pelo principal órgão de informação no período, o DEOPS (Departamento Estadual de Ordem Política e Social), não demorou para que Florestan Fernandes fosse intimado a depor num IPM (Inquérito Policial Militar) existente, que investigava as “atividades subversivas” nas Faculdades da USP.

Convocado, o precavido Florestan escreve uma carta denominada “Autodefesa”, dirigida ao tenente-coronel Bernardo Schonmann, responsável pelo inquérito. O amigo Antonio Candido o advertiu quanto aos riscos daquela atitude, mas o apoiou a seguir adiante. Então, na sala da direção da Faculdade, outros como Antonio da Rocha Barros, Mario Guimarães Ferri (então diretor da FFCL) e o tenente-coronel Schonmann, além das advertências dos perigos de prisão, tentaram dissuadir Florestan de prosseguir com sua resistência e retirasse a carta. Entretanto, tais avisos “parecem ter adensado a *recusa* que ali se ensaiava. Pois a disposição à resistência não consistia somente na manutenção da carta, assinalando seu desacordo com uma conduta pautada pela sensatez.”⁴³

Diante da convicção de Florestan em não retirar a carta o coronel Schonmann anunciou a prisão no início da tarde de 11 de setembro de 1964. Antes de ser preso, Fernandes pediu para telefonar para a família na sua sala e neste intervalo sinalizou

⁴² CERQUEIRA, 2004, p. 92-93; SEREZA, 2005, p.143 & FERNANDES, 1984, p. 98-99.

⁴³ RODRIGUES, 2010, p. 42-43; CERQUEIRA, 2004, p. 93-95 & FERNANDES, 1984, p. 99-101.

a sua secretária que distribuisse cópias da carta “Autodefesa” aos estudantes, que aguardavam o desfecho da audiência na porta da diretoria. A divulgação foi tão rápida que antes de chegar ao local da detenção os jornalistas já o procuravam. No dia seguinte a carta estava publicada em toda imprensa e gerou um transtorno para os militares e também uma grande comoção na USP, onde as aulas foram suspensas sem a convocação de greve.⁴⁴

Esses eventos de setembro de 1964 na USP, marcados pelo estratagema montado por Florestan, explicitam alguns aspectos tais como: a) o indício de “ânimo de resistência coletiva que prevalecia na Faculdade de Filosofia e que se reproduzia, em escala menor, nas outras escolas”; b) que os militares “caíram” na situação criada pelo professor e se viram em problemas e c) a “USP não reagiu à prepotência da ditadura nem se opôs a ela numa linha de ação oficial e institucional”.⁴⁵

Florestan ficou detido na 7ª. *Cia. de Guardas* na Av. Tiradentes, por três dias, sendo liberado no dia 14 de setembro, pela manhã. Após sair da prisão, o sociólogo diz ter rumado para a Maria Antonia, e

ao descobrirem minha presença, alunos e professores foram saindo das salas de aula. Fiz um relato de tudo e propus que cantássemos o hino nacional (um dos pontos da inquirição), não só como uma resposta à altura, mas como um protesto cívico. A cena se repetiu à tarde e à noite, pois era da maior conveniência aproveitar politicamente o evento.⁴⁶

Portanto, o fato político criado por Florestan obteve êxito, pois “a onda de protestos provocada por esta prisão parece ter contribuído para o encerramento dos IPMs.”⁴⁷ O biógrafo Laurez Cerqueira também destacou a repercussão do caso, informando que a “prisão de Florestan teve repercussão nacional e até no exterior, de onde começaram a chegar manifestações de repúdio à violência do regime que se estabeleceu no país e de solidariedade a ele.”⁴⁸

Muitas universidades de vários países, das Américas e da Europa passaram a convidá-lo para ministrar palestras e conferências, e assim Florestan Fernandes atendeu alguns destes convites e viajou bastante naquele seu período de intensa militância, entre 1964 e 1968. Deslocou-se sobretudo para os Estados Unidos, ainda que vivendo alguns problemas com os vistos, permissões de fronteiras e mesmo com o passaporte. Tais incômodos eram advindos “das denúncias de suas atividades, fornecidas pelos órgãos de informação.”⁴⁹

⁴⁴ RODRIGUES, 2010, p. 43 e 221-223; SEREZA, 2005, p. 144-146; CERQUEIRA, 2004, p. 95; FERNANDES, 1976a, 209-212 & FERNANDES, 1984, p. 101. No espólio do sociólogo, sob custódia da “UMMA (Unidade Multidisciplinar de Memória e Arquivo Histórico) / Sistema Integrado de Bibliotecas da UFSCar (SIBi-UFSCar)/Fundo Florestan Fernandes”, encontra-se dois recortes de jornais sobre sua prisão, ambos do domingo dia 13/09/1964, uma pequena nota sem autoria do *O Estado de S. Paulo*, p. 24 e outra matéria mais longa assinada por Ralf Kuntz do *Jornal do Brasil*, p. 4. É provável que o próprio Florestan tenha recortado e guardado os jornais.

⁴⁵ RODRIGUES, 2010, p. 43 & FERNANDES, 1984, p. 102.

⁴⁶ FERNANDES, 1984, p. 101.

⁴⁷ DURHAM, Eunice Ribeiro. *O livro negro da USP*, p. 25 *apud* RODRIGUES, 2010, p. 43.

⁴⁸ CERQUEIRA, 2004, p. 100.

⁴⁹ Idem, p. 101-103.

Florestan Fernandes sempre foi monitorado, seguido, e muitas de suas atividades públicas foram observadas por esta espécie de “polícia política”, que desde o estado novo possuiu vários nomes e siglas, mas trata-se essencialmente de órgãos de informação policial do estado brasileiro. O biógrafo Haroldo Ceravolo Sereza anota que “o acompanhamento das atividades de Florestan pela polícia política remonta à década de 40.”⁵⁰ Em consulta aos dossiês, documentos e fichas dos arquivos DEOPS, relacionados ao nome de Florestan, sob a custódia do Arquivo Público do Estado de São Paulo (APESP), é possível confirmar o biógrafo e acrescentar mais, que existem anotações sobre o intelectual partindo do ano de 1945 e percorrendo até o final do mês de novembro de 1993.⁵¹

Mesmo após a anistia de 1979 e do final do regime militar em 1985, ainda que eleito no pleito das eleições diretas para deputado federal de 1986 e 1990, Florestan continuou a ser vigiado pelo estado. Assim, observa-se a dimensão do autoritarismo e da espionagem na história do Brasil recente, ou seja, a ditadura tinha recém terminado, porém os organismos de informação não foram desmontados e continuavam operantes, tendo como alvo pessoas como Florestan Fernandes, igualmente de grande dimensão.⁵²

Um trabalho historiográfico mais detalhado sobre a vigilância de Florestan pelo DEOPS ainda está para ser realizado, entretanto, é possível destacar alguns assuntos registrados nos documentos do órgão de repressão. Nas anotações relativas a 1945 consta a informação de que Florestan pertenceu ao Partido “Coligação Democrática Radical”, confirmada pelo próprio anos depois, no IPM da USP de 10 de setembro de 1964. Neste, Florestan “declarou que este Partido foi organizado com o objetivo de lutar contra o ‘Estado Novo’ e que caso fosse implantado um regime totalitário, o Partido voltaria a ser subversivo, como foi naquela ocasião.” Ainda no IPM, Florestan respondeu que se considerava um homem de esquerda, adepto de uma forma democrática de socialismo, se disse seguidor das teses da doutrina “marxista-leninista” e favorável às greves no setor educacional. Dois nomes de professores da USP que teriam delatado Florestan aparecem no IPM, como o de Ricardo Roman Hanco e do professor da Faculdade de Economia de Osasco Vladimir Pereira.⁵³

⁵⁰ SEREZA, 2005, p. 141.

⁵¹ Como Haroldo C. Sereza, a pesquisadora Lidiane S. Rodrigues aborda o tema da vigilância de Florestan pela “Divisão de Informação” do DOPS, entretanto, nenhum dos dois pesquisadores mencionou sobre a persistência do monitoramento do sociólogo na década de 1990. (RODRIGUES, 2010, p. 42)

⁵² Cf. também: a) as Fichas do “Depto. de Comunicação Social”, nomenclaturas DCSF00879, DCSF00880 e DCSF00881, com anotações do ano de 1983 até 1993; b) a ficha da “Delegacia de Ordem Social”, nomenclatura BR_SPAPESP_DEOPSSPOSFTXSNF000732, que percorre o período entre novembro de 1961 a março de 1982; c) o prontuário da “Secretaria de Estado dos Negócios da Segurança Pública – Polícia Civil de São Paulo – Divisão de Informações CPI-DOPS”, cód. 52-Z-0-18269, com anotações que percorrem o ano de 1945 até dezembro de 1978. Documentos da Seção DEOPS do Arquivo Público do Estado de São Paulo (APESP).

⁵³ Prontuário da “Secretaria de Estado dos Negócios da Segurança Pública – Polícia Civil de São Paulo – Divisão de Informações CPI-DOPS”, cód. 52-Z-0-18269, folhas 1, 2 e 3. Seção DEOPS do APESP.

Encontra-se nesses documentos do DEOPS várias menções e recortes dos veículos da imprensa (como o Última Hora) e da chamada imprensa “alternativa” ou “subversiva” a qual Florestan teve ligações, como membro de comissão de redação, no caso da revista *Argumento* da editora Paz & Terra, ou como autor de artigos, ou que traziam notícias sobre ele, como os jornais *Movimento* e *Opinião*.

Além da humilhação dos episódios do IPM e da prisão em setembro de 1964 e dos monitoramentos do DOPS, a tentativa de prisão em setembro de 1965⁵⁴ (quando foi para os Estados Unidos um pouco antes) intensificou um processo que culminou com a aposentaria imposta. “Em 28 de Abril de 1969, quarenta e duas pessoas, entre as quais três professores da USP – Florestan Fernandes, Jaime Tiommo e João Vilanova Artigas – são compulsoriamente aposentados dos cargos que ocupavam.” É a aposentadoria que irá empurrar o sociólogo para o exílio. Heloísa R. Fernandes, filha do sociólogo, indica que seu pai partiu para o Canadá sozinho, sem sua família.⁵⁵

Essas espionagens ao intelectual brasileiro comprovam que a reação, a repressão e o autoritarismo na política brasileira, apoiada por milhões da população, não são fenômenos novos, como alguns, inadvertidamente, podem analisar e julgar sobre os desdobramentos da nossa história na última década. A condução à presidência da república de um cidadão declaradamente simpatizante da ditadura militar – entre outras características abjetas –, na eleição de 2018, pode ser considerada como consequência de uma história erigida sobre um “*Mito fundador*” que engendra a “*sociedade autoritária*” brasileira, de repressão, vigilância e violência, desagradavelmente permanente na atualidade.⁵⁶

O EXÍLIO CANADENSE APRESENTADO POR FLORESTAN FERNANDES

Florestan Fernandes abordou e avaliou sua estadia no Canadá e nos Estados Unidos ao longo de muitas de suas obras. Mesmo não sendo muitas, tais menções são encontradas nas entrevistas e textos autobiográficos do sociólogo (os mesmos criticados por Fernando Novais). Outras manifestações sobre o período de exílio estão presentes em alguns de seus escritos produzidos a partir de 1965 e serão expostas mais adiante, na parte “A produção intelectual relacionada ao exílio”.

Após os textos autobiográficos, são apresentados os registros sobre o exílio que Florestan deixou nas missivas enviadas à Barbara Freitag e publicadas em 1996; nas cartas que enviou para sua esposa Miriam Rodrigues, não publicadas integralmente, mas citadas e organizadas em artigo pela filha Heloísa Rodrigues Fernandes e nas correspondências que recebeu de outros intelectuais estrangeiros do período.

⁵⁴ Idem, folha 3.

⁵⁵ FERNANDES, 2007, p. 44.

⁵⁶ CHAUI, 2000.

No livro *A Sociologia no Brasil* (1976a), ao discorrer sobre os trabalhos que realizava na segunda metade da década de 1960, contexto de início da ditadura no Brasil, Florestan informa sobre seu trabalho no exílio. Observe:

Graças a minha proscrição, tive três anos para meditar sobre tais fatos, durante minha agradável e reconfortante permanência na Universidade de Toronto. O meu trabalho obrigava-me a fazer análises comparadas: passei a considerar essa evolução à luz de processos análogos, que estavam ocorrendo em outros países da América Latina. (...) De outro lado, devotei larga parte do meu ócio ao estudo da revolução socialista na Rússia, na China e em Cuba.⁵⁷

Este depoimento descreve os principais temas de trabalho durante o exílio, com a ênfase de que seus interesses intelectuais eram críticos à implementação dos regimes autoritários no Brasil e na América Latina que ocorriam no mesmo período.

No depoimento de 1976, concedido à revista *TRANS/FORM/AÇÃO* da Faculdade de Assis / SP (atual UNESP) e editado logo depois no livro *A Condição de Sociólogo* (1978), Florestan destaca que foi somente em Toronto que conquistou a sua plena liberdade como sociólogo marxista dentro da universidade, condição que seria mais difícil de se praticar na USP. Segundo Fernandes:

A única vez em que, como professor, me ajustei ao papel de intelectual de sociólogo marxista, de maneira bastante dogmática, foi durante o período em que estive em Toronto. Lá, de fato, talvez como medida de autodefesa, tentei quebrar essa sobreposição de papéis, que põe os de sociólogo em um lado e os de socialista em outro. Os estudantes da Universidade de Toronto reagiram bem; pelo menos os estudantes de esquerda ou radicais. Mas eu tinha um bom público e poderia ter ficado lá ou poderia voltar para lá, se quisesse. O que mostra que a Universidade de Toronto é uma universidade onde há efetiva liberdade intelectual e política para os professores. Esse foi o único período, pois na USP sempre me ajustei aos papéis de professor, acima de tudo, como professor eclético, dando naturalmente igual importância às diferentes correntes da sociologia sem privilegiar o marxismo. Também, nunca procurei ser um marxista dogmático e rígido. Isso simplificava o meu ajustamento intermediário e me dava certa força para “remar contra a corrente.”⁵⁸

Uma destas estudantes canadenses daquele tempo, Marion Blute, aluna de pós-graduação recém ingressa no ano letivo de 1969/1970, confirma que acompanhou um curso sobre “Sociedades Latino-Americanas” ministrado pelo brasileiro e comunica “ter boas lembranças do Prof. Fernandes e suas palestras, tendo ficado particularmente impressionada, não só pelo conteúdo, mas também por seu rigor acadêmico.”⁵⁹ Outra testemunha canadense que corrobora as declarações de Blute e de Florestan sobre o curso de América, foi o colega do Departamento de Sociologia de Toronto, o professor Bernd Baldus, que em 1969 era “ainda um modesto e muito jovem professor assistente”, mas diz lembrar-se muito bem que: “Embora Florestan fosse muito mais velho do que nós, sua reputação acadêmica e sua perspectiva marxista logo fizeram dele uma figura paternal para um grupo de jovens docentes.”⁶⁰

⁵⁷ FERNANDES, 1976a, p. 203-204.

⁵⁸ FERNANDES, 1978, p. 156-157.

⁵⁹ BLUTE, 2020, p. 339.

⁶⁰ BALDUS, 2020, p. 368. Sobre os depoimentos dos canadenses Marion Blute e Bernd Baldus é importante dar créditos ao professor e pesquisador Diogo Valença de Azevedo Costa (PPGCS da UFRB – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia) que fez o contato com os professores canadenses e solicitou pequenos

No livro *A condição de sociólogo* (1978), Florestan analisa o ambiente intelectual dos países em que se exilou e comenta:

(...) Contudo a experiência que eu tive nos Estados Unidos e no Canadá mostrou-me que a insegurança das posições de classe média e a competição bastante intensa por oportunidade de trabalho, entre os intelectuais, fazem com que eles aceitem padrões de profissionalização que restringem de maneira severa a sua capacidade criadora e aquilo que muitos autores chamam de idealismo crítico ou negador.⁶¹

Contudo, falando de sua experiência no exterior, Florestan desenvolve sua crítica acerca da profissionalização dos intelectuais, tema em evidência no século XX e XXI. Autor contemporâneo de Florestan, com 15 anos mais jovem, o intelectual palestino também exilado nos Estados Unidos, Edward Said (1935-2003), discutiu as *representações do intelectual*, em termos muito semelhantes aos de Florestan.

A partir de uma análise comparativa, observa-se que Florestan Fernandes antecipa muitos aspectos desenvolvidos por Edward Said. No ensaio intitulado “Profissionais e Amadores”, para “As Conferências Reith de 1993” transmitidas pela BBC de Londres, Said escreve contra o profissionalismo e adverte para a necessidade de o intelectual não ser domesticado e sim manter-se livre para alimentar seu trabalho pela dedicação e afeição, e orienta os intelectuais para deixar de guiarem-se por índices de produtividades e outros lucros de tipo materiais ou simbólicos.⁶²

Esse pioneirismo de Florestan em discutir a questão do papel dos intelectuais, no Brasil dos anos 1970, advém provavelmente deste contato direto com as universidades americanas e canadenses e também de sua leitura do sociólogo estadunidense marxista Charles Wright Mills (1916-1962), uma das principais referências para Edward Said na abordagem do tema intelectuais. Assim, tratando do papel do intelectual, Florestan também cita C. Wright Mills. Observe:

Quando o intelectual persiste em se afirmar através de papéis críticos, acaba sendo estigmatizado, isolado, e, por vezes, até posto fora da instituição universitária e perdendo qualquer perspectiva de carreira. Eu conheço o caso famoso de Wright Mills, que sofreu todo o impacto negativo da pressão conservadora, bem como de alguns colegas que viram suas carreiras destruídas ou bloqueadas por causa da participação aberta em movimentos radicais.⁶³

Os interesses de Florestan acerca do papel e função dos intelectuais no mundo contemporâneo pode ter se manifestado mais fortemente pela influência de seu exílio na América do Norte. Além de Wright Mills, outra referência essencial para Edward Said foi Russel Jacoby, autor do livro *Os últimos intelectuais*, publicado nos Estados Unidos em 1987. As aproximações teóricas entre Florestan, C. Wright Mills e Russel Jacoby também são sugeridas pelos pesquisadores Lidiane Soares e Diogo Valença.⁶⁴

textos de memórias sobre o período de Florestan no Canadá, que foram publicados numa edição especial da Revista *Novos Olhares Sociais*, da UFRB, editada pelo próprio Diogo V. A. Costa, no ano de 2020, em homenagem aos 100 anos de Florestan. (COSTA, 2020)

⁶¹ FERNANDES, 1978, p. 160.

⁶² FERNANDES, 1978, p. 159-165 & SAID, 2005, p. 71-87.

⁶³ FERNANDES, 1978, p. 162.

⁶⁴ RODRIGUES, 2010, p. 128 & COSTA, 2020, p. 296-297. Sobre a “neutralização dos cientistas sociais como agentes do pensamento crítico”, Florestan cita C. Wright Mills num ensaio que redigiu durante o exílio, em Abril de 1970, e publicado como “Capítulo 3 – Sociologia, Modernização Autônoma e Revolução Social”

Na entrevista que concedeu em 1981, para Alfredo Bosi, Carlos Guilherme Mota e Gabriel Cohn, o tema do exílio não despertava o interesse naquela época e os entrevistadores não deram prosseguimento ao assunto nas poucas vezes em que Florestan falou sobre Toronto. Não houve nenhuma pergunta direta sobre o período do Canadá, entretanto, o sociólogo tratou do assunto. Respondendo sobre sua análise das sociedades contemporâneas latino-americanas, que apresentavam, como ele propunha, as chamadas dinâmicas “colonial”, “neocolonial” e de “capitalismo de dependência”, em determinada altura ele expõe:

Em Toronto eu tive oportunidade de dar cursos trabalhando com essas ideias, um pouco precariamente de início, mas eu já tinha escrito a primeira parte e a segunda não acabada da *Revolução Burguesa no Brasil*, que eu escrevi em 1975, então eu já tinha um amadurecimento muito grande desse arsenal. Com isso em Toronto, quando eu me vi na obrigação de tomar uma perspectiva mais ampla, premido por um movimento político mais aguçado, com maior liberdade, eu não só me informei sobre uma literatura que não era exequível aqui, como também acabei dando cursos sobre política no Terceiro Mundo, em colaboração com um professor australiano. Nesse curso me cabia dar a parte de América Latina: dez exposições, das quais eu reservei três ou quatro para Cuba. Eu pude ver como em Cuba aconteceu a mesma coisa que no resto da América Latina, só sucedeu de uma maneira pior, porque lá a situação neocolonial se restabelece com uma grande vitalidade, graças ao fato de que os Estados Unidos alienam a independência que os cubanos ganharam na frente militar. E através de processos econômicos, culturais, políticos e diplomáticos criam uma situação neocolonial de grande vitalidade, de grande envergadura. Lá eu pude estudar como, afinal de contas, se repete em Cuba a história comum da América Latina, quer dizer, as tais revoluções que não se concluem, que se paralisam porque a burguesia não é uma burguesia de país com desenvolvimento capitalista autônomo, ela está sujeita a uma dominação externa.⁶⁵

Nessa passagem Florestan afirma categoricamente que a origem dos seus estudos sobre Cuba ocorreu em Toronto e no contexto de cursos ministrados na universidade, em nível de pós-graduação em sociologia, como confirmado por Marion Blute e B. Baldus. Sua teoria de “capitalismo dependente” está igualmente expressa nas linhas acima. O sociólogo destacou a possibilidade do acesso de bibliografias em Toronto as quais seriam impossíveis aqui no Brasil. Uma obra específica relacionada a estes estudos foi *Da guerrilha ao socialismo: a Revolução Cubana* (1979).

O seu principal livro da década de 1970, *A revolução burguesa no Brasil*, como o autor reconhece na citação, é fruto do exílio na América do Norte. Na mesma entrevista, Florestan situa o início da redação deste livro no ano de 1966 no Brasil, entretanto, planejou quando estava no exterior. Segundo o autor:

Pretendia explorar o conhecimento sociológico que tenho da sociedade brasileira para responder à situação que se criou em 1964. Tanto que projetei o livro no último semestre de 1965 – eu estava então, na Universidade de Colúmbia – e já no primeiro semestre [1966] comecei a redigir o que me parecia ser o protesto político de um sociólogo.⁶⁶

no livro *Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina* (1973). Cf. FERNANDES, 2009, p. 128-129.

⁶⁵ FERNANDES, 2008, p. 133.

⁶⁶ FERNANDES, 1978, p. 145.

A ocorrência de entrevista em que Florestan não é perguntado sobre o exílio e ainda é interrompido quando esboça falar mais do Canadá repete-se no depoimento concedido ao programa “Roda Viva” da *TV Cultura*⁶⁷ (São Paulo/1994) – perfeitamente preservado e disponível atualmente na plataforma youtube na internet –, transcrito e publicado no livro *Florestan Fernandes – Leituras e Legados* (2010). Nenhum dos entrevistadores pergunta acerca do exílio, mas Florestan mencionou rapidamente o Canadá e falou sobre um sociólogo argentino muito preparado que tinha conhecido por lá.⁶⁸ Explícito na entrevista televisiva foi a atitude reacionária dos entrevistadores, sendo até desrespeitosos em alguns momentos, com interrupções da fala do velho professor – que à época tinha 74 anos e estava doente. Nas perguntas e provocações dirigidas ao sociólogo pelos jornalistas do “Roda Viva” de 1994, especialmente nos ataques ao PT, observa-se os resquícios da ditadura e do “malufismo” ou então “o ovo da serpente” do “bolsonarismo” da atualidade. Ou seja, nossa “grande imprensa” e principais canais de TV aberta nunca foram progressistas, liberais ou de esquerda, mas sempre foram conservadores ao estilo *casa-grande*, e nunca engoliram Florestan Fernandes – o filho de trabalhadores imigrantes portugueses pobres, que tornou-se intelectual da USP nos anos 1950.

No depoimento colhido por José Albertino Rodrigues, originalmente publicada na revista *Ciência Hoje* de outubro de 1983, Florestan tratou sobre o exílio em dois momentos. No primeiro destacou o aprofundamento e a intensificação no estudo e ensino do marxismo, quando afirmou: “A minha adaptação exclusiva ao marxismo vem depois da crise, depois de 1968/69. Em Toronto eu já me coloco como professor marxista e, de lá para cá, estou ensinando, sou professor marxista e ensino em função dessa posição.”⁶⁹ No segundo momento, questionado sobre não ter retornado à USP após a anistia, destacou as boas condições de trabalho da Universidade de Toronto e respondeu:

Eu já dei explicações sobre isso, quer dizer, eu entrei num processo de crise de identidade profissional. Essa crise tem origens políticas, mas ela foi real, leal e profunda, por isso é que me vi impossibilitado de continuar a carreira em condições melhores, como ocorreu em Toronto.⁷⁰

Mais uma vez Florestan exaltou as excelentes condições de trabalho acadêmico na universidade canadense. Sobre não ter retornado a USP após 1979, é conveniente esclarecer mais as “explicações sobre isso” que teria prestado. A biografia de Haroldo C. Sereza informa que a partir de 1979 Florestan voltou a dar um curso na USP, aos sábados e sobre Cuba, porém este não foi um retorno definitivo, pois o biógrafo conclui que:

⁶⁷ No link: <https://www.youtube.com/watch?v=MQe35fx66IU>

⁶⁸ FERNANDES, 2010, p. 318.

⁶⁹ FERNANDES, 2008, p.157.

⁷⁰ Idem, p. 158.

No mecanismo estabelecido pela Universidade de São Paulo, ainda sob pressão da ditadura militar, os professores cassados e aposentados compulsoriamente tinham de pedir a reintegração. Para Florestan, era a universidade quem deveria fazer o convite, uma vez que não pedira para sair. Por outro lado, os cargos e as posições na universidade haviam sido ocupados, a própria estrutura hierárquica dos departamentos fora modificada, e a volta de Florestan e de Ianni, entre outros, se não indesejada, certamente desequilibraria as novas relações de poder, por mais que os colegas mantivessem relações de afinidade pessoal com os antigos mestres.⁷¹

A síntese de Haroldo Sereza explica uma parte da situação, entretanto, deve-se acrescentar outras declarações de Florestan, pois, conforme a entrevista de 1983, “a chamada anistia” parecia a ele “algo que a ditadura se obrigava a fazer exatamente para se conservar.” E, Florestan afirmou que não foi somente ele que não aceitou pedir a reintegração, mas também outros professores das ciências sociais, como Fernando Henrique e Octavio Ianni, pois:

As razões que levaram a ditadura a nos expulsar da universidade subsistiam, a ditadura não estava abatida, ... E a ditadura que nos expulsou da universidade e assumia ela própria, a iniciativa de nos recolocar lá, poderia de novo nos expulsar. Era uma ambiguidade, era um processo falso. Para nós, parecia que era necessário derrotar a ditadura, expurgar a universidade dos resquícios de fascistização das estruturas universitárias. Quer dizer, voltar era um problema político. O que resolvia? O nosso problema, o problema da universidade, ou o problema da própria ditadura?⁷²

Aqui constata-se o radicalismo prático em ação, uma vez que Florestan desconfiou do processo de anistia proposto pela ditadura no imediato momento em que surge, como um mecanismo colocado para ela se salvar. Considerando outros aspectos e olhando a partir de hoje para os processos de anistia política, aplicados naquele momento, fica evidente que Florestan acertou ao manifestar sua desconfiança na anistia. Esse processo apressado manteve impune os criminosos torturadores do regime militar e estes, conseqüentemente, passaram a fomentar movimentos e organizações subterrâneas para reconduzir seus “filhotes” aos poderes legislativo e executivo, mesmo que através do processo democracia burguesa das eleições diretas. Na verdade, a subsistência de políticos brasileiros simpáticos à ditadura constitui-se numa consequência direta do processo de anistia de 1979. O retorno definitivo de Florestan à USP se deu somente em 1986.

Voltando. Nos registros do exílio por Florestan, o mesmo descreve em detalhes as circunstâncias de sua saída do Brasil em 1969, numa entrevista de 1991. Para ele foi uma saída “virulenta” e “difícil” e ocorreu “por pressões externas”, pois, conforme seu relato:

Houve protestos na Universidade de Toronto e do governo do Canadá. Mas houve algo ainda mais eficiente que eu só soube depois de ter cometido muitas injustiças contra companheiros norte-americanos do movimento dos Direitos Cívicos. O Magalhães Pinto, então ministro das Relações Exteriores, foi preso em Nova York, dentro de uma sala, por várias horas, até concordar em autorizar minha saída do Brasil. Eu devia estar no Canadá em fins de julho, início de agosto, o mais tardar, e só cheguei lá em novembro de 1969.⁷³

⁷¹ SEREZA, 2005, p. 162.

⁷² FERNANDES, 2008, p. 158-159.

⁷³ FERNANDES, 2008, p. 186.

Deste fragmento pode-se evidenciar três elementos fundamentais para a saída de Florestan. O primeiro foi a solidariedade estrangeira recebida após o anúncio da aposentadoria compulsória, e sobretudo o apoio do governo canadense, manifestado desde sua prisão em 1964. O segundo estava nos contatos e relações com cidadãos norte-americanos ligados ao “movimento pelos Direitos Civis”, uma vantagem para Fernandes naquele momento difícil. Por terceiro e último, homens de Nova York pressionaram o ministro diplomata da ditadura brasileira para favorecer seu exílio. Com o “endurecimento” do regime de exceção no Brasil a partir de 1968 e a intensificação de prisões de opositores, o exílio de Florestan tornou-se uma medida necessária para colocá-lo “em segurança” fora do país.⁷⁴

Entre 1968 e 1979 o Canadá foi governado pelo primeiro-ministro Pierre Trudeau, ou Joseph Philippe Pierre Yves Elliott Trudeau (1919-2000). Considerado uma figura carismática, os acadêmicos canadenses listam Pierre Trudeau como um dos melhores primeiros-ministros da história do país. Em 1969 estava no segundo ano de mandato e seu governo foi marcado por avanços sociais e institucionais, e com a política econômica voltada para a esquerda. Seu filho, o atual primeiro-ministro Justin Trudeau, também apresenta características de tendência progressista como o pai. Uma política de destaque criada em 1968, ao final do governo de Lester B. Pearson, foi o *Medicare*, um programa de assistência médica e universalização da saúde, gratuita para todos os canadenses, vigente até hoje.⁷⁵

Os destaques sobre o exílio canadense nas entrevistas e autobiografias publicadas foram esses. Portanto, daqui em diante será observado as impressões do autor registradas em cartas (correspondências), recebidas e enviadas durante o recorte temporal.

Conforme apontado na primeira parte, a socióloga Barbara Freitag correspondeu-se intensamente por cartas com Florestan Fernandes. A socióloga e professora aposentada da UnB (Universidade de Brasília) selecionou um conjunto de 24 (vinte e quatro) cartas que recebeu de Florestan referente ao período de agosto de 1966 a setembro de 1994 e publicou na edição de homenagem ao missivista na revista *Estudos Avançados* da USP, nº. 26, de Abril de 1996. A maioria dos assuntos de todas as cartas são intelectuais, indicações bibliográficas e projetos editoriais e docentes, entretanto Florestan fala de si. Cerca de seis destas cartas foram enviadas de Toronto e compreendem o período em que esteve no exílio. A seguir apresentase especificamente as cartas relacionadas ao período canadense, com os principais assuntos e datas.

⁷⁴ Fabio Mascaro Querido, escreve que em “1969, seria preso novamente” (QUERIDO, 2024, p. 67), porém não cita nenhum documento que comprove tal afirmação. Até onde pesquisamos Florestan não foi preso em 1969. É assim que se inventam os mitos.

⁷⁵ BERTONHA, 2021, p. 145 e 213.

Na carta de junho de 1969 o sociólogo, ainda no Brasil, relata a amiga sobre o aceite do convite para lecionar na Universidade de Toronto, mas acrescenta que depois chegaram outros convites, como o de Harvard e outros, mas que teve de recusar.⁷⁶

Com quase 50 anos de idade e já atormentado por seis meses de exílio no inverno canadense, responde uma carta de Barbara Freitag, datada de 22 de Abril de 1970 em Toronto, agradece, diz que a correspondente exagera sobre ele e continua uma digressão profundamente política plugada aos conflitos éticos acerca da luta de classes, e que pode ser igualmente considerado melancólico, ou as ruínas de um homem derrotado. As linhas de parte inicial dessa missiva explicitam este “espírito de exílio” e são a seguir transcritas:

O homem é limitado por sua condição humana. Não vou mais longe que os outros e talvez tenha certas limitações incuráveis, que nascem de cicatrizes do passado. São cicatrizes que me tornam um tanto relutante para aproveitar as vantagens que minha posição me proporciona (como o caso da dotação oferecida pela Fundação Volkswagen, com a qual vou fazer o mesmo que fiz com ofertadas análogas da Fundação Ford), e que percebo me levam a agir de forma irracional. Um paradoxo. Tentar ser “racional” por vias irracionais. O que fala, porém, é o meu passado, tão vivo em minha consciência crítica, de criança que começou a enfrentar a vida em toda a plenitude com pouco mais de 6 anos. Mas, se não me livro do meu passado, não posso ser mais que uma aberração no mundo em que vivemos, no qual as criaturas se “valorizam” através do mercado (como diria o circunspecto Max Weber) e trocam o hoje pelo amanhã. A fonte de minha força não passa, portanto, de uma imensa fraqueza, já que estou condenado a ser um mero intelectual.⁷⁷

Ao final da carta afirma que estava cansado, retomando a rotina de ler vários *papers* e preparando-se para proferir conferências em três universidades americanas nas semanas seguintes, como Rutgers, Princeton e Yale.⁷⁸

Na carta do final do ano, em 01/12/1970 de Toronto, Florestan inicia comunicando que está: “Numa fase em que ando no fundo do poço – cansado do meu trabalho, cansado de ser professor e até cansado da comida, da cidade e do tipo de vida que levo em Toronto. Acho que atingi o limite da saturação.”⁷⁹ E intensificando tal espírito, volta novamente com a melancolia e desilusão intelectual que o assombraram no Canadá, mas o íntimo Florestan se expressa de maneira completamente desassombrada. Observe:

Continuo com ânimo. Enquanto se vive, se luta ou então não se entrega a rapadura. (Acho que estou em verva folclórica, pois repeti outro provérbio). Todavia, torna-se cada vez mais difícil para mim estabelecer uma ponte entre o que sou e o que faço e o que desejaria ser e fazer. Não tenho pena do Florestan, velho e calejado; mas às vezes olho para mim mesmo com certa ironia, pois me especializei em dar murros em ponta de faca e agora me vejo lançado realmente no mercado, como mercadoria estimada em dólares, sinto que minhas técnicas estão superadas e que seria melhor vender sorvetes numa rua quente de São Paulo do que ser professor de sociologia no Norte da Américas.⁸⁰

⁷⁶ *Estudos avançados*, nº. 26, abr. 1996, p. 147.

⁷⁷ *Idem*, p. 148-149.

⁷⁸ *Idem*, *ibidem*, p.149.

⁷⁹ *Idem*, p. 150.

⁸⁰ *Estudos avançados*, nº. 26, abr. 1996, p. 150.

E concluiu a correspondência afirmando que “quer muito voltar” ao Brasil.

Em fins de janeiro de 1971 Florestan escreve a Barbara, respondendo a algumas críticas sobre um texto dele, e continua a desenvolver ideias sobre a cooptação dos intelectuais. Conforme Fernandes:

A “ciência” está injetando na Europa a mesma dose de pusilanimidade, de *co-optation* e de conformismo deliberado (embora também bem disfarçado) que já instilou nos Estados Unidos. Hoje, aprende-se mais lendo um bom artigo de orientação crítica – quando os jornalistas fazem uma descrição “honesta” – ou um romance, do que se lendo obras de cientistas políticos, sociólogos e economistas de “alto nível”. Fico cada vez mais revoltado com esse “alto nível”, os “modelos” sofisticados e o vazio total que eles envolvem; uma ciência útil para quem comanda burocraticamente e pode pagar um “preço funcional” pelas decisões impostas de cima para baixo.⁸¹

Fica explícita na escrita íntima da carta que Florestan estava sempre debatendo as ideias que publicava em seus textos, de modo crítico e direcionado ao seu presente e local. E na sequência continuou debatendo e respondendo a amiga socióloga. No meio da longa missiva ele fala sobre “o livro que os milicos não deixaram sair”, *A universidade brasileira: reforma ou revolução*, que acabou saindo em 1975. A essência desta carta de início de 1971 é a discussão de seus escritos sobre “política educacional” no Brasil. O final da correspondência é brilhante, no qual expõe vários problemas, que Florestan aconselha a amiga professora a pensar:

Como as elites culturais de uma burguesia impotente acabam agindo contra os alvos e os valores do seu próprio pensamento político e forjando políticas educacionais irmanadas com o processo de preservação do *status quo*, do subdesenvolvimento e da satelitização permanente, inclusive no campo da educação. Falo-lhe com a franqueza de quem andou pelas ruas, pelas salas ou pelos auditórios mais diversos com a bandeira oposta, de arrebentar os diques para que a própria sociedade liberasse a educação como processo social e impusesse uma *política nacional de educação*, capaz de servir de fulcro para a eliminação dos privilégios educacionais e para a supressão da dependência quase colonial em relação ao exterior. No fim, o controle caiu na mão da Superpotência Hegemônica, com as comissões mistas MEC-USAID! E os privilégios educacionais permanecem intactos.⁸²

Na citação observa-se uma síntese com as principais preocupações intelectuais de Florestan, do estudo da burguesia brasileira, que naquele momento alinhava-se a manutenção da ordem imperialista, à denúncia da dependência externa e dos privilégios educacionais. Se referir-se também a universidade, pode-se dizer que estes privilégios universitários continuam intactos ainda hoje.

A análise de Florestan exala o frescor de atualidade, mesmo que elaboradas pelo sociólogo há pouco mais de 50 anos atrás. É possível afirmar, pois mesmo sob o governo Lula 3, as políticas educacionais de Camilo Santana (Ministro de Educação e Cultura) são essencialmente neoliberais, de continuidade dos governos Temer e Bolsonaro, e lembremos que estes dois pouco mudaram em relação a Dilma e aos govts. Lula 1 e 2, ou seja, sempre sob a guia do imperialismo americano, não muito distante

⁸¹ Idem, p. 151.

⁸² *Estudos avançados*, nº. 26, abr. 1996, p. 154.

dos governos da redemocratização do Brasil, Collor, Itamar e FHC. Atualmente, nas universidades, nesta espécie *sui generis* de ditadura de consenso, sustentada por: I) cargos acadêmicos (a maioria destes de indicação e de confiança), ou II) minguados financiamentos de projetos coletivos (que pagam bolsas à estudantes de graduação na faixa dos setecentos a novecentos reais, e bolsas à professores coordenadores na ordem de 2 a 3 mil reais) e III) verbas de pós-graduação ou ainda outras bajulações de jornais, sites e grandes mídias, que movimentam o processo de domesticação intelectual, poderiam sustentar a tese da atualidade das críticas de Florestan.

Numa missiva escrita em outubro de 1971, com quase dois anos de permanência no exílio, Florestan discorre sobre referências bibliográficas e trabalhos acadêmicos, mas não esconde a insatisfação com o exílio em Toronto. Nas palavras de Florestan, a sua vida lá,

é literalmente uma merda. A cidade de Toronto é ótima; só tenho recebido atenções e favores; e deveria ser mais reconhecido. Mas não me encontro mais com minha profissão e detesto a condição de expatriado por simulação. Sei muito bem que ando por uma trilha irracional. Porém, quem é que disse que devemos ser sistematicamente “racionalis”?! Doutro lado, minha experiência me ensinou que vou trocar uma merda por outra. Como pôr-me em paz comigo mesmo numa situação em que terei de engolir a própria consciência para sobreviver? Sentirei, a cada hora que viver, o apodrecimento moral da pessoa, a corrupção indireta e envolvente das pequenas concessões e dos sacrifícios invisíveis. Mas o que fazer? Posso mudar a história para fazer as “escolhas racionais”?⁸³

Nesta carta Florestan acenou sobre deixar o Canadá, para aceitar propostas nas quais – numa expressão muito dura consigo –, “sentirá o apodrecimento moral da pessoa, a corrupção indireta”, entre outros. O que poderia significar esta passagem? Que para retornar ao Brasil e cessar o exílio canadense teria de ceder de alguma convicção “racional”, ou seja, aceitar verbas de origens ao qual era contra e criticava? Observe que anteriormente ele mencionou as recusas das fundações como algo “irracional” que estava fazendo, para ser “racional” a sua consciência marxista.

Na carta enviada de Toronto de 27/11/1971, – após dois anos ininterruptos como docente no Canadá – escreveu confirmando o desligamento definitivo da Universidade de Toronto. Disse que as correspondências que recebia de Freitag enchia de alegria o seu “pobre viver de homem solitário”, agradecendo a amiga e reforçando que essa troca de missivas durante o período de exílio “foram um elo entre uma solidão relativa e uma esperança ardente.” Comunicou ainda que andava irritado com muitos trabalhos e encerrava o curso “Seminário sobre ‘Classes Sociais na América Latina” dia 9 de dezembro, e que em seguida embarcaria para o Brasil em 19 de dezembro de 1971.⁸⁴

O único e melhor artigo existente sobre o exílio de Florestan Fernandes através das cartas enviadas à esposa Myriam foi escrito por sua filha, socióloga e pesquisadora Heloísa Rodrigues Fernandes, a mesma apresenta as cartas que o pai enviou para a esposa Myriam Rodrigues, sua mãe, e especificamente sobre o período do Canadá. Heloísa inicia:

⁸³ Idem, p. 155-156.

⁸⁴ Idem, ibidem, p. 157.

Para Florestan, é a integridade de uma posição ética que sustenta sua decisão de exilar-se; é como ele próprio reconhece numa carta enviada à minha mãe: *“Talvez eu tenha errado ao me ajustar à situação política de forma radical-socialista. Mas é minha posição e eu não poderia ter agido de outro modo (...) Tentarei vir ao Brasil quantas vezes me for possível para reduzir as consequências da separação”*. (6 de janeiro de 1970).⁸⁵

E na sequência das cartas para a esposa, no início do exílio, o sociólogo se queixa dos obstáculos e dificuldades para retomar a prática no idioma inglês, pois confessa que:

*Tenho de preparar três aulas de uma hora e meia e uma de duas horas e tudo isso é bastante duro para mim, por causa do inglês. Já na segunda-feira, dei a primeira aula. A minha garganta ficou completamente seca e eu estava completamente nervoso. (carta a Myriam, 1/10/1969). Meu inglês piorou de modo horrível. Até parece que estou começando de novo (...) Acho que as razões são de natureza psicológica. (carta a Myriam, 06/01/1970).*⁸⁶

Em 31 de janeiro de 1971, um ano depois, envia uma carta para a esposa na qual observa-se a tristeza do frio, da distância e da solidão. Florestan reclama:

*o frio é desanimador (...) com o capote que você viu, eu me sinto como se estivesse pelado quando ando pela rua. (...) Ontem à noite, fui a um cinema aqui perto, pois me sentia cansado e deprimido. Para voltar ao apartamento, tinha de andar uns 5 ou 6 quarteirões. Com a neve no chão e a neve que estava caindo, parecia que estava arrastando o mundo nas costas. (carta a Myriam, 31/01/1971)*⁸⁷

É uma mensagem dura e pesada, ainda assim a “volta do cinema” indica a alternativa de lazer do intelectual, assistir filmes. Descobrir quais foram essas películas é ainda um trabalho a se fazer.

Nas cartas à esposa que havia ficado no Brasil com os filhos, do mês de setembro de 1971, igualmente como nas cartas daquele final de ano para Barbara Freitag, o sociólogo resalta o cansaço e menciona a possibilidade de pedir demissão pois,

*...cheguei muito cansado (...) e cada vez custa-me mais a rotina de trabalho. Acho que atingi o limite da saturação; recomeçar todo o ano a ensinar novas turmas chega a ser interessante quando se é jovem e quando se ensina, na própria língua, estudantes que compartilham as mesmas preocupações e esperanças. Aqui, estou tão distante de todos eles, quanto eles de mim. Decididamente, o sacrifício não paga a pena ... Estou pensando em pedir demissão. (carta a Myriam, 15/09/1971)*⁸⁸

É evidente por esta carta – e para outra que enviou em fins de 1971 para Barbara Freitag –, que nos últimos 4 meses daquele ano Florestan estava decidido a encerrar o exílio no Norte e voltar ao Brasil. Ele lastima que tenha somente mais dois colegas que “também são socialistas”, e com a exceção de outros poucos liberais e poucos estudantes “a convivência sempre foi mais formal.” (carta a Myriam, 03/10/1971)⁸⁹

⁸⁵ FERNANDES, 2007, p. 45. Em todas as citações do texto de Heloísa R. Fernandes, nesta e próximas, foi mantido a padronização que ela seguiu em sua publicação da revista *TRAJETOS* de 2007, com os itálicos nos trechos das cartas de Florestan, e as datas das cartas entre parênteses.

⁸⁶ Idem.

⁸⁷ FERNANDES, 2007.

⁸⁸ Idem, p. 46.

⁸⁹ Idem, ibidem.

A saudade da família é outro fator que afetou Florestan, pois em outubro de 1965, quando esteve na Universidade de Colúmbia, diz numa carta a Miriam: “*me emociono quando escrevo para vocês ou recebo as cartas e a pressão sobe que nem rojão.*” (carta a Myriam de 14/10/1965)⁹⁰

Heloísa finaliza seu artigo narrando sobre os principais interesses temáticos dos cursos e obras que o pai desenvolveu no exílio, a relação coincide com a lista que é citada mais a frente, na parte “A produção intelectual relacionada ao exílio”.

Um registro mais detalhado do exílio de Florestan, porém sintético, está noutro testemunho de sua filha Heloísa Fernandes, que confirma a angústia vivida pelo pai ao dizer que “para ele, o exílio significa viver arrancado do seu país, da sua língua, dos seus sonhos e das suas lutas.”⁹¹ Para a filha Heloísa, o pai teria ampliado seus interesses sobre a América Latina, “tanto na temática, quanto em relação aos interlocutores”, pois no exílio “fortaleceu seu diálogo com outros intelectuais latino-americanos como Orlando Fals Borda (Colômbia), Aníbal Quijano (Peru), Pablo Gonzáles Casanova (México), Jules Riverend (Cuba), José Nun (Argentina), entre outros.”⁹²

A investigação no espólio e biblioteca de Florestan Fernandes, em busca dos nomes relacionados por Heloísa, oferece evidências que confirmam a convivência e interação intelectual do brasileiro com estes pesquisadores latino-americanos. É possível constatar que Florestan possuía alguns livros deles, inclusive com dedicatórias, e se correspondeu com os pesquisadores. As cartas que recebeu destes intelectuais compreendem um recorte temporal mais amplo e Florestan provavelmente os conhecia antes do exílio. Porém, observa-se que o intelectual que mais se correspondeu com Florestan e tornou-se seu melhor amigo em Toronto e principal vínculo latino, foi o argentino José Nun, tratado nas cartas de Florestan pelo apelido de “Pepe”. Pela análise superficial da correspondência que Nun enviou, confirma-se a forte e leal amizade que mantinham. O pesquisador Diogo Valença, que também teve contato com estas cartas e realizou uma entrevista com José Nun em 2019, assim enfatiza “que José Nun foi o amigo mais próximo de Florestan Fernandes no exílio canadense e penso que um sentimento latino-americano unia a ambos.”⁹³

Mais do que amigos, alguns destes intelectuais foram citados e debatidos em seus livros, sobretudo aqueles que publicou após retornar do exílio, especialmente *Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina* (1973) e *A revolução burguesa no Brasil* (1975).

⁹⁰ FERNANDES, 2007, p. 47.

⁹¹ FERNANDES, 2015, p. 21.

⁹² FERNANDES, 2015, p. 22 & MOTA, 1998, p. 13.

⁹³ COSTA, 2020, p. 292. Cerca de 20 itens documentais, correspondências, que José Nun (“el Pepe”) enviou para Florestan Fernandes no período compreendido entre o ano de 1966 a 1978. Arquivadas na “UMMA (Unidade Multidisciplinar de Memória e Arquivo Histórico) / Sistema Integrado de Bibliotecas da UFSCar (SIBi-UFSCar)/Fundo Florestan Fernandes.

Um outro personagem desta rede de relações intelectuais de Florestan neste período foi um americano o qual se correspondeu por cartas, e provavelmente tenha estado pessoalmente com ele em alguma ocasião, chamado Kalman H. Silvert, autor de *La sociedad problema: reacción y revolución en América Latina* (1962) e organizador de *Expectant peoples. Nationalism and development* (1963). No espólio de Florestan, além destes dois livros, encontra-se cerca de 9 “itens documentais” de tipo correspondências, que o professor e autor estadunidense enviou para Florestan entre os anos 1970 a 1972. Silvert (10/03/1921-15/06/1976) foi pesquisador e autor de livros sobre democracia e autoritarismo na América Latina. Além de 1º. Presidente da Latin American Studies Association (LASA) “Associação de Estudos Latino Americanos”, fundada em 1966, juntamente com outros especialistas desta área, foi professor de Ciência Política da New York University. Ao se observar pelos papéis de carta timbrados utilizados por Silvert, que continha a chancela da Fundação Ford, entende-se que era também nesta condição que se comunicava com Florestan Fernandes.⁹⁴

As negativas do brasileiro em integrar projetos da Fundação americana, mesmo no Brasil, de certo modo aparecem nestas cartas. Pode se destacar alguns indícios sobre isto nestes diálogos das correspondências entre Florestan e Kalman Silvert, que indicam uma relação cordial entre pesquisadores, mas também um tom irônico e postura firme de Florestan frente ao homem da Fundação Ford.

Começemos por uma carta de Silvert, com papel timbrado, datada de 02 de Julho de 1970, na íntegra, com a tradução para o português:

Dear Florestan:

I hope you will pardon my not having answered your letter before May 15th, as you request. I did not because I thought it' importante that you decide yourself what you should do. And now I hear that you have accepted, and I am overjoyed. You are certainly competente for the job – and not at all unqualified, as you say. Political sociology is a field of which you are completely in control, and that is what you should and will be teaching. Toronto is lucky to have you.

I am having copies of the books you request send to you. And anything I can do to help you with courses outlines, Reading lists, and the like – well, just ask.

I send you grandes abraços, and a thousand congratulations.

Cordially,

Kalman H. Silvert⁹⁵

⁹⁴ Na enciclopédia “wikipédia inglesa”, o resultado do nome de Kalman Silvert traz um texto médio, com toda a relação da produção bibliográfica do autor e também informa: “He served as an adviser to the Ford Foundation which aided the formation of LASA.” (Ele atuou como um consultor da Fundação Ford, que ajudou na formação da LASA.)

⁹⁵ Tradução: “Caro Florestan: Espero que me perdoe por não ter respondido sua carta antes de 15 de maio, como você pediu. Não o fiz porque achei importante que você decidisse o que deveria fazer. E agora ouço que você aceitou, e estou muito feliz. Você certamente é competente para o trabalho — e nem um pouco desqualificado, como você diz. A sociologia política é um campo no qual você tem controle total, e é isso que você deve e vai ensinar. Toronto tem sorte de ter você. Estou enviando cópias dos livros que você pediu. E qualquer coisa que eu possa fazer para ajudá-lo com esboços de cursos, listas de leitura e coisas do tipo — bem, é só pedir. Envio a você grandes abraços e mil parabéns. Cordialmente, Kalman H. Silvert.” Documento do arquivo “UMMA (Unidade Multidisciplinar de Memória e Arquivo Histórico) / Sistema Integrado de Bibliotecas da UFSCar (SIBi-UFSCar)/Fundo Florestan Fernandes.”

Pelo período, deve-se considerar que Florestan estava há pouco tempo no exílio, e ao que sugere o teor da carta, Silvert pode ter sido um dos responsáveis pela ida de Florestan para o Canadá, como também por outras incursões do brasileiro em Nova York, pois se diz feliz de Florestan ter aceito o trabalho de lecionar sociologia política em Toronto, e que eles têm sorte de tê-lo.

Entretanto, cerca de meio ano depois, numa carta datada de 27 de Janeiro de 1971, o tom vai mudando. Inicialmente tratando sobre a participação de Florestan num evento de sociologia política em Porto Rico, que obviamente não era uma “ordem” que ele fosse, para o trabalho de ler e comentar “papers”, mas que sua contribuição nos comentários seria produtiva para o encontro. E no meio da carta, abre um parágrafo com o seguinte teor: “I remain disturbed about your decision to stay away from a direct involvement with CEBRAP. I understand your reasoning perfectly and sympathize entirely with it as it reflects a profound sense of personal integrity and morality. (...)”⁹⁶ Portanto, aqui Silvert está ciente que Florestan não vai se envolver com o CEBRAP.

E por fim, numa carta de Florestan Fernandes para K. Silvert, do dia 28 de março de 1972, estando Florestan em seu endereço na Rua Nebraska em São Paulo, inicia a missiva comunicando que havia recebido uma carta de Aldo Solari, amigo em comum dos dois, pedindo para endossar um pedido de aportes para a Fundação Ford. Fernandes responde que será capaz de fazer porque considera aportes muito úteis para o desenvolvimento das ciências sociais na América Latina e destaca a importância da revista da LASA, aberta a cientistas de diferentes ideologias. Porém, finaliza a carta com a seguinte frase: “I think that this would be appreciated by my colleagues, even by these who would like to see aportes more engaged in the fighting of our authoritarian and totalitarian regimes.”⁹⁷ Com uma “alfinetada” discreta e educada, Florestan diz estar disposto a endossar o pedido, mas gostaria de ver tais aportes na luta contra a ditadura no Brasil e outros países da América Latina, o que certamente não era o caso ali.

Como observamos anteriormente, o próprio Florestan afirma ter recusado propostas para integrar projetos da Fundação Ford, entretanto, ao se observar pelas cartas que recebeu de Silvert e a que enviou para ele – faltando certamente outras cartas dessa correspondência dos dois, que não encontramos no arquivo –, observa-se que ele mantinha boas relações com o intelectual de Nova York, pois

⁹⁶ Tradução: “Continuo perturbado com sua decisão de se afastar de um envolvimento direto com o CEBRAP. Entendo seu raciocínio perfeitamente e simpatizo inteiramente com ele, pois reflete um profundo senso de integridade pessoal e moralidade.” Doc. 02.09.8121 da “UMMA (Unidade Multidisciplinar de Memória e Arquivo Histórico) / Sistema Integrado de Bibliotecas da UFSCar (SIBi-UFSCar)/Fundo Florestan Fernandes.”

⁹⁷ Tradução: “Acredito que isso seria apreciado pelos meus colegas, mesmo por aqueles que gostariam de ver os aportes mais engajados no combate aos nossos regimes autoritários e totalitários.” Doc. 02.09.2325 da “UMMA (Unidade Multidisciplinar de Memória e Arquivo Histórico) / Sistema Integrado de Bibliotecas da UFSCar (SIBi-UFSCar)/Fundo Florestan Fernandes.”

como este homem era da divisão internacional de América Latina da LASA, Florestan necessariamente dialogava com ele, e provavelmente participou de eventos, e talvez ele seja um dos apoios do exílio, mas observa-se uma postura independente.

A PRODUÇÃO INTELECTUAL RELACIONADA AO EXÍLIO.

Os destaques e menções sobre o exílio nas obras de Florestan Fernandes estavam diretamente relacionadas aos estudos que realizou naqueles anos de afastamento do Brasil.

Eliane Veras Soares foi uma das primeiras pesquisadoras da área de sociologia a mapear e relacionar a obra que teria sido oriunda do exílio de Florestan. Segundo Eliane, “Florestan estava sentindo necessidade de dar vazão à sua vocação política.” Eliane Veras constata a importância que o sociólogo deu aos temas políticos nas suas publicações dos anos 70 e 80, dos quais ela destaca:

Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina (1973), A revolução burguesa no Brasil (1975), Circuito Fechado: quatro ensaios sobre o poder institucional (1976b), Apontamentos sobre a teoria do autoritarismo (1979), Da guerrilha ao socialismo: a Revolução Cubana (1979), Movimento socialista e partidos políticos (1980), O que é revolução? (1981), Poder e contrapoder na América Latina (1981), e A ditadura em questão (1982).⁹⁸

Essa lista está correta e reflete os principais temas que foram desenvolvidos por Florestan no Canadá. Entretanto, é necessário complementar ou compreender em detalhes este mapeamento, procurando especificar quais foram os textos produzidos no exílio que estão inseridos nas obras listadas acima.

Existem ainda obras ausentes na lista de Eliane V. Soares, mas que são relacionadas ao período na Universidade de Toronto. Uma delas é *A natureza Sociológica da Sociologia* (1980). Na introdução desse livro Florestan explica as circunstâncias para a produção das reflexões ali contidas, que tiveram origens a partir de anotações para um curso de pós-graduação no 1º. Semestre de 1978 na PUC/SP, e também aponta o período de exílio como determinante, pois tal experiência o colocou numa crise permanente. Florestan afirma:

Depois de 1969, a minha identificação com a sociologia e com os papéis intelectuais do sociólogo sofreu uma crise. A crise surgiu entre 1969 e 1972, em Toronto (onde, aliás, ela não deveria ter lugar: para mim a oportunidade era daquelas que são vistas como o coroamento de uma carreira de “nível internacional” – mas foi exatamente essa oportunidade que funcionou como o equivalente do poço em que ficou o jovem José; saí de lá transformado e dentro de uma crise de longa duração, da qual ainda não emergi). Para ficarmos no essencial: a sociologia perdeu o seu encanto, para mim; e o sociólogo profissional converteu-se numa pessoa que luta mais para sobreviver e ganhar a vida – enfim, para preservar e reforçar sua condiçãozinha de *classe média* – do que pela verdade inerente à natureza científica e, portanto, revolucionária da explicação sociológica.⁹⁹

⁹⁸ SOARES, 1997, p. 80.

⁹⁹ FERNANDES, 1980, p. 13.

O José citado no fragmento é o personagem hebreu da história bíblica do livro *Gênese*, filho de Jacó, que em razão dos ciúmes dos irmãos foi deixado no fundo de um poço velho e sem água, enquanto cuidavam de rebanhos no deserto, e posteriormente José foi vendido pelos seus próprios irmãos para uma caravana de comerciantes estrangeiros (israelitas), que o levaram para o Egito e lá foi novamente vendido como escravo para um oficial da guarda do Faraó.

Talvez Florestan Fernandes tenha feito essa analogia com “o José do Egito” por tratar-se de curso ministrado numa universidade confessional, como a PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo); mas de outro lado, apresenta uma metáfora provocativa, dirigida a alguns outros intelectuais brasileiros, ou seja, “aos seus irmãos” da USP, que não o defenderam, ou mesmo que o traíram a partir de 1964 e depois em 1969, e permitiram que ele partisse para o estrangeiro. São apenas especulações em torno desta metáfora, que não deixam de configurar um certo ressentimento, e algum grau de melancolia e mágoa, pois reafirma que está numa crise da qual não emergiu até aquele ano de 1980. Supõe-se que Florestan não superou completamente esta crise até o final de sua vida em 1995.

Neste livro de final dos anos 1970 o destaque acima é apenas uma parte de suas confissões sobre a vida intelectual pós 1972, que esboça logo no início, na nota explicativa e na primeira parte da introdução, falando de crises e dilemas, mas sempre reafirmando sua adesão ao socialismo e à revolução contra a ordem. Num balanço de sua carreira Florestan avalia:

O dilema psicológico, político e moral, para mim: aparece por causa da minha tentativa persistente de entrelaçar a sociologia, *como ciência*, ao socialismo, *como movimento político revolucionário* (nas várias gradações: da revolução dentro da ordem e da revolução contra a ordem; alternativas históricas que não dependem da vontade pessoal – eu prefiro a última, a ela dei minha adesão definitiva). Não compartilho da ideia-refúgio de que a “neutralidade científica” e a “condição profissional” isentam o sociólogo da *responsabilidade intelectual e política* (não só como um “momento de opção moral ou teórica”, mas também como um “momento de opção prática”: o que quer dizer que defendo toda a carga possível da saturação-limite dos papéis intelectuais dos sociólogos → não servos do poder, porém agentes do conhecimento e da transformação do mundo).¹⁰⁰

O Florestan Fernandes de 1980, em direção ao ano de 1983, marco do centenário da morte de Karl Marx, vai cimentando um sociólogo mais radical, consciente de todas as consequências desta posição.

Outra obra não listada por Veras Soares, mas que foi produzida integralmente em inglês, e constitui a principal produção intelectual de Florestan Fernandes desenvolvida e publicada no exílio de Toronto foi o conjunto de três ensaios intitulado *The Latin American in Residence Lectures* (Toronto – 1969/1970). Este opúsculo de 63 páginas contou com a edição e apresentação do Prof. Kurt L. Levy (Chairman Latin American Studies Programme).

¹⁰⁰ FERNANDES, 1980, P. 15.

Na “nota explicativa” do livro *Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina* (1973), Florestan comenta este trabalho do Canadá e que a publicação se deve ao professor Kurt L. Levy. Em seguida agradece ao Prof. Kenneth N. Walker, que o ajudou a melhorar o seu texto em inglês e a agradece a Marion Blute e Graig Mckie, que auxiliaram Kurt Levy a preparar os textos para a edição em inglês.¹⁰¹

Até onde foi possível apurar, somente dois ensaios dessa obra foram traduzidos e publicados em português, da seguinte forma: * o Capítulo I, intitulado “Patterns of external domination in Latin America”, saiu como o primeiro capítulo do livro *Capitalismo Dependente e Classes Sociais na América Latina* (1973), com o título “Padrões de dominação externa na América Latina”; e * o Capítulo III, nomeado originalmente “Authoritarian Regimes and the Political Roles of the Intellectual in Latin America”, que saiu aqui com o título traduzido de “A Ditadura Militar e os papéis políticos dos intelectuais na América Latina” e foi publicado como terceiro (3º.) capítulo do livro *Circuito Fechado* (1976b).¹⁰²

Sobre este terceiro capítulo, o autor explica que igualmente foi subsídio para o livro *A ditadura em questão* (1982), e assim expos na nota explicativa, acrescentando, que: “Análises desse tipo fazem parte da frente de luta e de contestação, pela qual a desobediência civil se manifesta e, por vezes, procura corresponder ao movimento mais profundo de repúdio às ditaduras, que vem da massa pobre e despossuída das populações.”¹⁰³

Não constatamos que o Capítulo II do livro *The Latin American in Residence Lectures*, intitulado “The meaning of Military Dictatorship in present day Latin America” tenha sido traduzido para o português e/ou publicado. Um artigo do campo da sociologia, que se propôs a mapear todos os rastros sobre *A circulação internacional de Florestan Fernandes* também não conseguiu desvendar os destinos editoriais deste 2º. Capítulo, pois foi apresentado no Canadá, mas não consta no quadro elaborado pelos sociólogos, que reuniu “trabalhos apresentados por Florestan Fernandes em eventos científicos internacionais.”¹⁰⁴

No Brasil, o livro *Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina* (1973), é a obra que mais recolheu os trabalhos realizados no exílio do autor, pois além do 1º. capítulo, registrado acima, os dois outros capítulos também são do mesmo período no Canadá: * o 2º. capítulo, intitulado “Classes sociais na América Latina” foi uma comunicação apresentada ao *Seminário sobre os Problemas de Conceituação das Classes Sociais na América Latina*, ocorrido no Instituto de Investigaciones

¹⁰¹ FERNANDES, 2009, p. 18.

¹⁰² O historiador Carlos Fico informa que a obra *Circuito Fechado*, de Florestan Fernandes foi analisada por uma comissão do Ministério da Justiça na década de 1970, dentro de uma lista de “livros considerados atentatórios à segurança nacional” (FICO, 2021, p. 83).

¹⁰³ FERNANDES, 1982, p. 1.

¹⁰⁴ BRASIL JR & BLANCO, 2018, p. 79.

Sociales, Universidad Nacional Autónoma de México, Mérida, 12-18 dez. 1971; e * o 3º. capítulo “Sociologia, Modernização Autônoma e Revolução Social”, redigido em abril de 1970 e apresentado como comunicação ao *X Congresso Latino-Americano de Sociologia*, realizado em Santiago do Chile, entre 28/08 a 05/09 de 1972.¹⁰⁵

O sociólogo contemporâneo Ricardo Antunes, que faz a apresentação de uma das últimas edições deste, que é um livro seminal para a sociologia brasileira e latino-americana, afirma que a obra de Florestan “tem como fio condutor o desvendamento da subordinação estrutural da América Latina ao imperialismo, os elementos causais de travagem da modernização burguesa, o papel das classes sociais nas possibilidades e alternativas vislumbradas, além de explorar o desafio da sociologia crítica.”¹⁰⁶

Portanto, com sociologia crítica, teoria da dependência e tentativas de desvendamento do imperialismo, Florestan enfrentou a resistência dos seus colegas americanos, como ele próprio descreve em depoimento:

Tive vários conflitos com colegas americanos, mais que com os europeus, por causa disso. Pois, assim como ficam doentes quando ouvem falar em imperialismo, se irritam diante do uso consistente do conceito de dependência e da difusão dessa teoria. Eles preferem lidar com conceitos abstratos, evasivos, para explicar as coisas, “não dar nomes aos bois” e confundir os vários processos na vala comum da “teoria da modernização”, vista unilateralmente como modernização dependente e controlada de fora.¹⁰⁷

Assim, Florestan apresenta parcialmente a recepção de seus trabalhos no exterior, no ambiente e atmosfera intelectual [da América do Norte] no qual estava elaborando, apresentando e discutindo suas investigações.

Outro artigo importante desenvolvido no exílio, mas também ausente da lista de Eliane V. Soares, foi “Sociólogos: os novos mandarins?”, publicado em português pela primeira vez em fins de 1974, na revista *Debate & Crítica*, nº. 04, e reunido depois em *A Sociologia no Brasil* (1976). “Sociologists: The New Mandarins?” (1969) foi a introdução de Florestan ao debate das comunicações dos Profs. John R. Seeley e Amitai Etzioni, num “workshop” organizado pela School of Graduate Studies da Universidade de Toronto, sob o patrocínio do Depto. de Sociologia, realizado entre 31 de outubro e 01 de novembro de 1969.¹⁰⁸

Florestan elabora este artigo com uma força predominantemente política, no qual explicita: “Eu sou, ao mesmo tempo, sociólogo e socialista.” Se opõem, “de modo claro e decidido, ao isolamento dos cientistas sociais e à neutralidade das ciências sociais, em matérias que sejam vitais”. “Para uma nova relação entre a sociedade e as ciências sociais” Florestan apresenta três requisitos que são essencialmente um

¹⁰⁵ FERNANDES, 2009, p. 41 e 121.

¹⁰⁶ ANTUNES, 2009, p. 13.

¹⁰⁷ FERNANDES, 1978, p. 112.

¹⁰⁸ FERNANDES, 1976a, p. 266.

manifesto pelo posicionamento do sociólogo, contra o isolamento e por “novas formas de comunicação entre o sociólogo, como cientista social, e os diferentes setores e inclusive forças da sociedade.”¹⁰⁹

Um texto da fase do “pré-exílio” nos Estados Unidos, entre 65 e 67, foi publicado pela Universidade de Colúmbia em 1967, intitulado *Social Science in Latin America*, que foi uma tradução para o inglês, do artigo *Ciências Sociais na América Latina*, originalmente apresentado por Florestan na “Conferência sobre Estudos Latino Americanos” realizado no Rio de Janeiro em 1965, sob o patrocínio do CLAPCS (Comitê Latino Americano de Pesquisas em Ciências Sociais).¹¹⁰

Florestan Fernandes intensificou seus estudos sobre Revolução Russa e Lênin durante sua estadia no Canadá, mas tais leituras vieram à público alguns anos depois do exílio, através de três publicações seminais das editoras Hucitec e Ática, como *Que fazer?, O Estado e a Revolução* e a “Introdução” de Florestan para o volume *Lênin*, da “Coleção Grandes Cientistas Sociais.” A partir destas obras de final da década de 70 e início de 80 observa-se que o sociólogo vai cristalizando sua posição política e suas intervenções intelectuais ganham um perfil *publicista*, característica do revolucionário russo.¹¹¹

Mesmo que expondo sobre a presença de um “ecletismo bem temperado” na obra de Florestan, o sociólogo Gabriel Cohn conclui seu artigo destacando a “Introdução” ao *Lênin* da Ática e ressaltando o marxismo do colega, concepção alimentada

não apenas por Marx, mas por Lênin, esse Lênin ao qual Florestan dedicou um texto que deve ser sério candidato a ser uma das melhores coisas que se tenha escrito como comentário a respeito: a introdução que Florestan fez ao volume sobre Lênin da coleção Grandes Cientistas Sociais.¹¹²

Portanto, tais traduções e textos, consequentemente confirmam o que o amigo Antonio Candido escreveu, de que Florestan “costumava dizer e escrever que era marxista-leninista.”¹¹³ Entretanto, a evidência de aprofundamento no leninismo, teria ocorrido exatamente durante o período de exílio em Toronto.¹¹⁴

O RETORNO AO BRASIL DEPOIS DO EXÍLIO

Na “Oração de patrono dos formandos do curso de Ciências Sociais da UFRJ em 20 Janeiro de 1978”, Florestan explica melhor o que ele chama de “saída da vida universitária” que teria sido quando se demitiu de Toronto e define: “Saí da vida

¹⁰⁹ FERNANDES, 1976a, p. 268-269.

¹¹⁰ BRASIL JR & BLANCO, 2018, p. 79.

¹¹¹ RODRIGUES, 2010, p. 65 e p. 170.

¹¹² COHN, 1987, p. 52.

¹¹³ CANDIDO, 1998, p. 44).

¹¹⁴ RODRIGUES, 2010, p. 65, p. 73-74 e p.172.

universitária em 1972, por minha decisão – e não em 1969, por decreto da ditadura. Ou seja, quando me demiti da Universidade de Toronto por minha conta e risco – e não quando fui ‘aposentado’ no Brasil.”¹¹⁵

Após retornar ao Brasil, a biografia de Laurez Cerqueira informa que Florestan recebeu convite para trabalhar no “recém-criado CEBRAP (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento), uma instituição financiada pela Ford Foundation voltada para a reflexão no campo das ciências humanas, mais especificamente a sociologia e a economia”, entretanto ele “rejeitou o convite peremptoriamente, dizendo que era inadmissível colocar sua inteligência a serviço de um projeto dos EUA.”¹¹⁶

Portanto, para além de uma das cartas enviadas para Barbara Freitag, apresentada na parte 3, em que Florestan confirma ter recusado participar de projetos ligados a Fundação Ford; os financiamentos do CEBRAP pela Fundação Ford são conhecidos e tratados pela bibliografia, como por Bernardo Sorj, Lidiane S. Rodrigues e Kátia Baptista.¹¹⁷ Bernardo Sorj menciona o volume expressivo das publicações de Fernando Henrique Cardoso (FHC) nas revistas e edições ligadas ao Centro, entre os anos de 1973 a 1978. Destaques para a obra de FHC sempre estão presentes nos estudos sobre o CEBRAP.¹¹⁸ Outra definição do Centro seria:

Fundado em 1969, o Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP) teve como objetivo não somente abrigar os professores universitários uspiados aposentados compulsoriamente após a decretação do AI-5, mas também reunir um grupo de intelectuais cuja preocupação analítica voltava-se para uma nova interpretação a respeito da realidade brasileira, principalmente após o Golpe militar de 1964.¹¹⁹

Tanto B. Sorj quanto todos os outros que pesquisaram o tema, não deixam de listar os outros intelectuais que transitaram pelo CEBRAP, com publicações, ao longo de períodos diversos. Para além dos três citados até aqui, como Novais, Schwarz e Fernando Henrique, os outros cientistas sociais e economistas foram: José Arthur Gianotti, José Serra, Francisco Weffort, Maria da Conceição Tavares, [Francisco] Chico de Oliveira, Paul Singer, Boris Fausto, Marilena Chauí, Carlos Estevam Martins, José Álvaro Moisés e Bolívar Lamounier.¹²⁰

Voltando. Numa descrição sobre sua saída do Canadá e retorno ao Brasil, Florestan relatou à Bento Prado Jr. e Olgária Matos, em entrevista concedida e publicada por *Em Tempo* em dezembro de 1978. Conforme o sociólogo:

No Canadá, depois de um ano como professor contratado, foi me oferecido *tenure* e poderia ter ficado para sempre na vida universitária. No entanto, dois anos depois, demiti-me, sem qualquer motivo aparente. Nos Estados Unidos ou no Canadá, uma pessoa que faz isso passa por louco... Possuía um cargo muito bom, com todas as

¹¹⁵ FERNANDES, 2011b, p. 93.

¹¹⁶ CERQUEIRA, 2004, p. 105.

¹¹⁷ SORJ, 2008, p. 47; RODRIGUES, 2010, p. 120 & BAPTISTA, 2010, p. 238.

¹¹⁸ BAPTISTA, 2010, p. 230.

¹¹⁹ Idem, p. 225.

¹²⁰ SORJ, 2008, p. 54; RODRIGUES, 2010, p. 117 & BAPTISTA, 2010, p. 229.

condições imagináveis de trabalho, bem remunerado e com todo o prestígio. E voltei para não ser nada aqui. (...) Não preciso da Universidade para ser intelectual e cumprir minhas tarefas como eu as vejo. (...) Vários colegas meus quiseram saber porque eu havia abandonado o meu lugar na Universidade de Toronto. É uma hipótese. Mas respondi que quis demonstrar que não preciso da Universidade de São Paulo. Uma resposta que poderia parecer orgulho, empáfia. Porém, quase sempre essas explosões verbais possuem um significado profundo. É uma tentativa de mostrar que a minha rebeldia sobreviveu por outros meios, e que tem um outro solo histórico. E esse solo não está dentro da Universidade.¹²¹

Mais uma vez, observa-se um analista áspero, amargo, construindo uma forte crítica à USP. Também anuncia que está seguro para ser um intelectual por outros meios que não àqueles ligados à Universidade. Entretanto, em 1978, Florestan aceitou o convite de Dom Paulo Evaristo Arns para lecionar na PUC-SP.¹²² Mas, segundo o sociólogo, em depoimento de 1983, essa decisão foi difícil e muito refletida, e descreve:

Eu não tenho nenhuma restrição a fazer à PUC; não foi fácil a decisão de aceitar o convite de trabalhar na PUC. De fato, quando recebi o convite hesitei muito, e hesitei não tanto por ser uma escola particular, mas por ser uma universidade confessional, uma universidade católica, e eu não sou na verdade católico, como marxista sou ateu, e para mim era um problema: como me relacionar com uma universidade que está tão distanciada da minha posição cultural e política?

Pensando bem, vi que o problema não era meu, era da universidade. (...) Era importante então marcar que nós não recusávamos o trabalho intelectual, nós recusávamos certas condições políticas de trabalho.¹²³

Pode parecer um aspecto menor falar sobre o ateísmo de Florestan – vinculado ao seu marxismo como uma atitude teórica lógica –, mas não, pois atualmente existem historiadores e sociólogos declaradamente marxistas e militantes sociais que se afirmam religiosos. Quanto a PUC-SP, “não se pode deixar de assinalar que a instituição era um dos redutos de agrupamento dos setores intelectualizados, que sob o escudo de D. Paulo Evaristo Arns, opunha-se à ditadura militar.”¹²⁴

E no momento em que concedeu a entrevista, em fins de 1983, com cerca de 5 anos de PUC, o sociólogo menciona a liberdade que possuía e confortavelmente declara:

Em nenhum momento, desde o primeiro curso que eu dei até hoje [1983], a PUC teve alguma interferência no meu trabalho pessoal. Nunca houve uma tentativa de dizer: “Não use Marx, não use Lênin, não faça isto, não faça aquilo, não trate conflito de classe, de luta de classes.” Nada. Eu dei o ensino mais militante possível, as vezes até parece ensino de uma escola de partido, e nunca sofri nenhuma restrição.¹²⁵

¹²¹ FERNANDES, 2011b, p. 359.

¹²² CERQUEIRA, 2004, p. 105.

¹²³ FERNANDES, 2008, p. 159.

¹²⁴ RODRIGUES, 2010, p. 153.

¹²⁵ FERNANDES, 2008, p. 160.

A biografia de Laurez Cerqueira recupera um texto do próprio Florestan Fernandes, publicado na Revista *Ensaio* IV, nº. 08, s/d; no qual o sociólogo assim explica o seu processo de retorno ao Brasil e afirma:

Na verdade, nos fins de 72, quando vim pra cá, pensei: 'Eu fui pra Toronto e fiquei lá pensando que podia lutar ali contra a ditadura.' Depois descobri que lá não se luta contra a ditadura. Os que nos ouviam eram pessoas que eu não precisaria convencer; além de constituírem um público fechado, minoritário. O esforço maior, lá, ia na direção de fortalecer a ditadura. Por isso é que pensei: 'Eu volto para o Brasil e lá eu vou poder lutar.' Vim e não pude lutar coisa alguma, porque, realmente, de 1973 em diante vivi dentro de um isolamento tremendo.¹²⁶

Na continuação das declarações de retorno do exílio, observadas anteriormente, Fernandes fala sobre alguns amigos terem se afastado dele, ou lhe evitado, e por isso a razão do isolamento. Outro aspecto destacado por Laurez Cerqueira são as impressões de Florestan acerca do tipo de intelectual brasileiro que encontrou neste retorno ao Brasil, o qual "havia internalizado o medo sob a forma de pânico (...). Para ele, os intelectuais, em média, haviam falhado por não oferecerem a resistência que deles se esperava ante um regime de força, e que as oportunidades de lutar nos anos 1960 e 1970 foram desperdiçadas ou mal aproveitadas.¹²⁷

A volta definitiva ao Brasil, apesar do isolamento que Florestan afirma ter vivido, ainda não foi o pior dos mundos, pois neste período destacou-se também sua atuação como editor, uma vez que:

Ao retornar do Canadá, com intelectuais ligados à Editora Hucitec, será artífice de duas revistas, *Debate* e *Crítica* e *Contexto* – cujo alcance editorial não se iguala a congêneres como *Opinião* e *Movimento*. Sua atuação editorial mais significativa, contudo, será a coordenação da Coleção Grandes Cientistas Sociais da Editora Ática e da Coleção Pensamento Socialista da Editora Hucitec, dividida em três séries, a saber: Clássicos; Linha de Frente; Debate Contemporâneo.¹²⁸

A fundamental Coleção editada entre 1978 e 1990 foi o equivalente de seus artigos reflexivos produzidos no Canadá, em "estudos autônomos e solitários" sobre as várias revoluções do século XX. De fato, a coleção da Ática é inegavelmente um projeto marcante na história editorial brasileira. Ao se elaborar a bibliografia geral de Florestan não se deve esquecer de mencionar este projeto, voltado ao ensino médio e às universidades e com 1/3 de títulos de autores revolucionários socialistas, constituiu-se igualmente numa convocação de engajamento aos intelectuais no Brasil.¹²⁹

¹²⁶ CERQUEIRA, 2004, p.105.

¹²⁷ Idem, p. 106-107.

¹²⁸ RODRIGUES, 2010, p. 167-168.

¹²⁹ RODRIGUES, 2010, p. 168-169 & MIRANDA, 1996, p. 7.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste capítulo foi tentar revelar como a experiência intelectual do exílio marcou a trajetória deste brasileiro de enorme valor para as áreas das ciências sociais, das ciências humanas e da história. Um aspecto a se registrar é o contínuo interesse que Florestan Fernandes desperta nos apaixonados pela sociologia, pela história e pelo engajamento na luta de classes ao lado dos trabalhadores.

A íntegra da obra de Florestan Fernandes, seja a de sociologia ou a de interpretação do Brasil, não foi objeto de discussão nesta investigação. Entretanto, faz-se necessário esboçar alguns rápidos apontamentos sobre esta produção, pois alguns aspectos desta obra genial acabaram por se cruzar e dialogar com os caminhos do exílio no Canadá, como esperamos ter demonstrado.

Uma impressão sobre a produção intelectual, sugerida por seu amigo e colaborador Octavio Ianni, demonstra que:

A obra de Florestan Fernandes é contemporânea do seu tempo, no sentido de que expressa de forma clara e desenvolvida estas duas dimensões: responde aos desafios do presente e reinterpreta o passado, desvendando outros nexos entre ambos. (...) é contemporânea de muitas realizações notáveis do pensamento brasileiro. (...) As produções de autores como os mencionados a seguir sugerem muito do ambiente intelectual do tempo: Antonio Candido, Celso Furtado, Paulo Freire, Oscar Niemeyer, Carlos Drommond de Andrade, João Cabral de Melo Neto, Antonio Callado, Nelson Pereira dos Santos, Oduvaldo Vianna Filho (Vianinha). Esses são apenas alguns nomes dentre muitos outros que se poderiam incluir aqui, por suas produções.¹³⁰

Além de destacar o “espírito do tempo” ao qual Florestan estava inserido e que lhe proporcionou sua formação, Octávio Ianni resume as essências do pensamento do sociólogo, ao afirmar que:

O segredo do pensamento de Florestan Fernandes está em que ele se constrói a partir da perspectiva dos grupos e classes sociais que compõem o povo propriamente dito, os trabalhadores da cidade e do campo. É um pensamento que se constrói e desenvolve pela análise das condições históricas sob as quais se forma o povo na sociedade brasileira.¹³¹

Portanto, a partir das características gerais de sua obra, é nítida a preponderância de Fernandes, no transcorrer do século XX, como um personagem essencial para história contemporânea do Brasil. Sobre isto parece não existir grandes discordâncias entre seus estudiosos, e a perspectiva é a mesma quanto ao seu significado para a formação da sociologia brasileira.

A presença corajosa do sociólogo nunca passará despercebida dos momentos de tomada de partido na história do Brasil contemporâneo, e constantemente posicionando-se de modo crítico, radical e socialista, sempre à esquerda.

¹³⁰ IANNI, 2008, p. 39-40.

¹³¹ IANNI, 2008, p. 42-43.

As questões propostas na introdução não foram completamente respondidas, mas o material reunido e os esclarecimentos sobre o seu exílio e sua vida naqueles anos 60 e 70, podem lançar luz para futuros estudos sobre Florestan Fernandes. Assim, a produção de novas abordagens e perspectivas acerca dos exílios de escritores e professores podem contribuir ao campo da memória e da história dos intelectuais brasileiros. É urgentemente necessário se pensar na elaboração sistemática da história e da memória dos principais intelectuais contemporâneos do Brasil.

O contato com uma formação humanista e crítica, dos intelectuais do século passado, pode nos possibilitar uma maior compreensão do que significou a polarização política que permeou boa parte daquele período, no que se convencionou classificar de “pós guerra” ou de “guerra fria” e de ditadura militar brasileira. Essa formação humanista é fundamental para a manutenção da democracia em países como o Brasil.

REFERÊNCIAS

ARQUIVOS, LINKS E DOCUMENTOS

* APESP – Arquivo Público do Estado de São Paulo.

a) as Fichas do “Depto. de Comunicação Social”, nomenclaturas DCSF00879, DCSF00880 e DCSF00881, com anotações do ano de 1983 até 1993;

b) a ficha da “Delegacia de Ordem Social”, nomenclatura BR_SPAPESP_DEOPSSPOSFTEXSNF000732, que percorre o período entre novembro de 1961 a março de 1982;

c) o prontuário da “Secretaria de Estado dos Negócios da Segurança Pública – Polícia Civil de São Paulo” – Divisão de Informações CPI-DOPS, cód. 52-Z-0-18269 com anotações que percorrem o ano de 1945 até dezembro de 1978. Documentos da Seção DEOPS do Arquivo Público do Estado de São Paulo (APESP).

* UMMA (Unidade Multidisciplinar de Memória e Arquivo Histórico) / Sistema Integrado de Bibliotecas da UFSCar (SIBi-UFScar)/Fundo Florestan Fernandes.

– dois recortes de jornais: uma do domingo dia 13/09/1964, pequena nota sem autoria do *O Estado de S. Paulo*, p. 24; e outra matéria mais longa assinada por Ralf Kuntz do *Jornal do Brasil*, p. 4.

– cartas escritas e enviadas para Florestan, assinadas pelo argentino José Nun.

– cartas escritas e enviadas para Florestan assinadas pelo americano Kalman Silver.

*** Seção de obras gerais da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro-RJ.**

Consulta da maior parte das referências bibliográficas.

*** Catálogo on-line do site da Biblioteca UFF.**

Consulta de parte das referências bibliográficas.

LINKS NA INTERNET

Links da Plataforma youtube na Internet

<https://www.youtube.com/watch?v=8DeP2TJ3XXE&t=31s>

Peça Teatral *Vicente e Antonio: a história de uma amizade* – Florestan Fernandes e Antonio Candido, (Grupo Tapa). Duração: (2h0m24s). "O texto de 'Vicente e Antonio' é de autoria de Oswaldo Mendes e é lido por quatro atores, sob a direção de Eduardo Tolentino de Araújo, primo de Antonio Candido, e diretor do Grupo Tapa. No elenco, Walter Breda (Florestan Fernandes), José Augusto Zacchi (Florestan Fernandes jovem), Oswaldo Mendes (Antonio Candido) e Caetano O'Maihlán (Antonio Candido jovem), com a participação especial do cantor e violonista Zé Luiz Mazziotti." (Do texto informado pelo UOL) Exibido ao vivo em 22/07/2020 (Quarta-feira, 20 hrs).

<https://www.youtube.com/channel/UCNiH334YQslyCIYxjkM0X8A>

"As mesas redondas" do evento remoto *Florestan Fernandes 100 anos – Ciclo de Seminários*, promovido pela FFLCH / USP, ocorrida nos dias 08, 15, 22 e 29 de julho de 2020.

<https://www.youtube.com/watch?v=MQe35fx66lU>

Programa "Roda Viva" da *TV Cultura*, Entrevista com Florestan Fernandes, São Paulo/1994.

LIVROS E ARTIGOS SOBRE FLORESTAN FERNANDES

ANTUNES, Ricardo. *Um pensamento insubmisso* (Apresentação). In: FERNANDES, Florestan. **Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina**. 4ª. ed. rev. São Paulo: Global, 2009.

ARRUDA, Maria Armanda do Nascimento. *Florestan Fernandes e a sociologia da consciência social*. In: **Margem Esquerda**, nº. 34 (pp.107-113), São Paulo: Editora Boitempo, jun/2020.

ARRUDA, Maria Armanda do Nascimento. *Apresentação - Por uma sociologia da solidariedade social*. (p. 11-22) In: FERNANDES, Florestan. **Florestan Fernandes: leituras e legados**. – 1ª. ed. São Paulo: Global, 2010.

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento & GARCIA, Sylvia Gemingnani. **Florestan Fernandes, mestre da sociologia moderna**. Brasília: Paralelo 15; Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, 2003.

BALDUS, Bernd. Recordações de Bernd Baldus sobre Florestan Fernandes. In: **Novos Olhares Sociais**, vol. 3 – nº. 2 (p. 368-369), 2020.

BAPTISTA, Kátia Baptista. *O CEBRAP nos anos setenta e a emergência de uma nova interpretação do Brasil*. **Perspectivas**, São Paulo, v. 37, p. 225-248, jan./jun. 2010.

BLUTE, Marion. *Prof. Florestan Fernandes na Universidade de Toronto*. In: **Novos Olhares Sociais**, Vol. 3 – nº. 2 (p. 339-341), 2020.

BRASIL JR, Antonio. *A resistência da desigualdade*. In: **Folha de S. Paulo**, pág. B14; Domingo, 26 de julho de 2020.

BRASIL JR, Antonio & BLANCO, Alejandro. *A circulação internacional de Florestan Fernandes*. In: **SOCIOL. ANTROPOL.** / Rio de Janeiro, v. 08.01:69-107, JAN.- ABR., 2018.

CANDIDO, Antonio. **Florestan Fernandes / Antonio Candido**. 1ª. ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.

CANDIDO, Antonio. *Um militante Incansável*. (p. 38-45) In: MARTINEZ, Paulo Henrique. (org.) **Florestan ou o sentido das coisas**. São Paulo: Boitempo Editorial & Centro Universitário Maria Antonia USP, 1998.

CANDIDO, Antonio. Amizade com Florestan. (p. 31-36) In: D'INCAO, Maria Angela. (org.) **O saber militante: ensaios sobre Florestan Fernandes**. Rio de Janeiro: Paz & Terra; São Paulo: Unesp, 1987.

CARDOSO, Fernando Henrique. *A paixão pelo saber*. (p. 23-30) In: D'INCAO, Maria Angela. (org.) **O saber militante: ensaios sobre Florestan Fernandes**. Rio de Janeiro: Paz & Terra; São Paulo: Unesp, 1987.

CARDOSO, Miriam Limoeiro. *Em memória de Florestan Fernandes*. (p. 7-9) In: **Estudos Avançados** – USP, vol. 9 – nº. 25, Setembro/Dezembro, 1995.

CARDOSO, Miriam Limoeiro. *Florestan Fernandes: a criação de uma problemática*. (p. 89-128) In: **Estudos Avançados** – USP, vol. 10 – nº. 26, Janeiro/Abril, 1996.

CERQUEIRA, Laurez. **Florestan Fernandes: vida e obra**. 1ª. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

COHN, Gabriel. *O ecletismo bem temperado*. (p. 48-53) In: D'INCAO, Maria Angela. (org.) **O saber militante: ensaios sobre Florestan Fernandes**. Rio de Janeiro: Paz & Terra; São Paulo: EDUnesp, 1987.

COSTA, Diogo Valença de Azevedo. *Homenagem a Florestan Fernandes – uma sociologia do impossível*. In: **Novos Olhares Sociais**, Vol. 3 – nº. 2 (p. 283-302), 2020.

DEL ROIO, Marcos. *A Teoria da Revolução Brasileira – tentativa de particularização de uma revolução burguesa em processo*. (Cap. 2; p.73-134) In: **História do Marxismo no Brasil – Vol. 4 / Visões do Brasil**. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2007.

FERNANDES, Heloísa Rodrigues. *Chaves do exílio e portas da esperança*. (p. 43-51) In: **Trajeto – Revista de História da UFC**; v. 5, nº. 9/10, 2007.

FERNANDES, Heloísa Rodrigues. *Apresentação: Florestan Fernandes, um sociólogo socialista*. (p. 7-29) In: FERNANDES, Florestan. **Brasil em compasso de espera: pequenos escritos políticos**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011a.

FERNANDES, Heloísa Rodrigues. *Florestan Fernandes: um sociólogo socialista*. In: CEPÊDA, Vera Alves; MAZUCATO, Thiago (org.). **Florestan Fernandes, 20 anos depois – um exercício de memória**. São Carlos: Ideias Intelectuais e Instituições: EDUFSCar, 2015.

FERNANDES, Heloísa Rodrigues. *Prefácio à Edição de 1979*. (p. 25-32) In: FERNANDES, Florestan. **Apontamentos sobre a “Teoria do Autoritarismo”**. – 1ª. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2019.

FREITAG, Barbara. *Florestan Fernandes por ele mesmo*. In: **Estudos Avançados – USP**, vol. 10 – nº. 26, Janeiro/Abril, 1996.

FREITAG, Barbara. *Democratização, Universidade, Revolução*. (p. 163-180) In: D'INCAO, Maria Angela. (org.) **O saber militante: ensaios sobre Florestan Fernandes**. Rio de Janeiro: Paz & Terra; São Paulo: Unesp, 1987.

GARCIA, Sylvia Gemignani. **Destino ímpar: sobre a formação de Florestan Fernandes**. São Paulo: USP, Curso de Pós-Graduação de Sociologia: Ed. 34, 2002.

IANNI, Octavio. *Florestan Fernandes e a formação da sociologia brasileira*. (p. 7-45) In: IANNI, Octavio. (org.) **Florestan Fernandes**. (Col. Grandes Cientistas Sociais, 58) . 1ª. ed. São Paulo: Ática, 2008.

MARTINS, Maro Lara. *Intelectuais e Experiência Intelectual: modos de usar*. 30º Simpósio Nacional de História. **ANPUH**. Recife, 2019. https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1552413004_ARQUIVO_IntelectuaiseExperienciaintelectual_modosdeusar.pdf

MIRANDA, Dilmar Santos de. *Florestan Fernandes: um pensamento crítico militante*. In: **Plural**; Sociologia, USP, São Paulo 3: 1-13, 1º. Sem. 1996.

MOREIRA, Renata Couto. Apresentação: *Por que reeditar hoje um texto de Florestan Fernandes de 1978 sobre o autoritarismo?* (p. 11-23) In: FERNANDES, Florestan. **Apontamentos sobre a “Teoria do Autoritarismo”**. 1ª. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2019.

MOTA, Carlos Guilherme. **Ideologia da Cultura Brasileira (1933-1974)**. 9ª. ed. 1994. 2ª. Reimpressão. São Paulo: Editora Ática, 2000.

MOTA, Carlos Guilherme. *Florestan: memória e utopia*. (p. 13-18) In: MARTINEZ, Paulo Henrique. (org.) **Florestan ou o sentido das coisas**. São Paulo: Boitempo Editorial & Centro Universitário Maria Antonia USP, 1998.

NOVAIS, Fernando. **Aproximações: ensaios de história e historiografia**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

OLIVEIRA, Marcos Marques de. **Florestan Fernandes**. (Coleção Educadores). Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010a.

QUERIDO, Fabio Mascaro. **Lugar Periférico, ideias modernas: aos intelectuais paulistas as batatas**. 1ª. ed. São Paulo: Boitempo, 2024.

RODRIGUES, Lidiane Soares. **Florestan Fernandes: Interlúdio (1969-1983)**. São Paulo: Hucitec; Fapesp, 2010.

SCHWARZ, Roberto. **Seja como for: entrevistas, retratos e documentos**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2019.

SEREZA, Haroldo Ceravolo. **Florestan: a inteligência militante**. São Paulo: Boitempo, 2005.

SILVA, Michel Goulart. *O partido político em Florestan Fernandes*. Revista **Em Debate**, n. 8 (2012): 2º semestre 2012.

SOARES, Eliane Veras. **Florestan Fernandes: o militante solitário**. São Paulo: Cortez Editora, 1997.

LIVROS, ARTIGOS, CARTAS E ENTREVISTAS DE FLORESTAN FERNANDES

FERNANDES, Florestan. **O Brasil de Florestan**. [Col. Pensadores do Brasil: do Tempo da Ditadura ao Tempo da Democracia]. (organizador: Antonio David) Belo Horizonte: Autêntica Editora; São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2018.

FERNANDES, Florestan. **Brasil em compasso de espera: pequenos escritos políticos**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011b.

FERNANDES, Florestan. **Florestan Fernandes: Leituras e legados**. Apresentação Maria Arminda do Nascimento Arruda. 1ª. ed. São Paulo: Global, 2010.

FERNANDES, Florestan. **Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina**. Apres. Ricardo Antunes. 4ª. ed. rev. São Paulo: Global, 2009.

FERNANDES, Florestan. **Florestan Fernandes (Encontros)**. COHN, Amélia (organização). Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2008.

FERNANDES, Florestan. **A força do argumento**. Org. João Roberto Martins Filho. São Carlos/SP: EDUFSCar, 1997.

FERNANDES, Florestan. **A questão da USP**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

FERNANDES, Florestan. **A ditadura em questão**. São Paulo: T. A. Queirós, 1982.

FERNANDES, Florestan. **A natureza sociológica da Sociologia**. São Paulo: Ática, 1980.

FERNANDES, Florestan. **Da guerrilha ao socialismo: a revolução cubana**. São Paulo: T. A. Queirós, 1979.

FERNANDES, Florestan. **A condição de sociólogo**. São Paulo: Hucitec, 1978.

FERNANDES, Florestan. **A Sociologia no Brasil: contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento**. Petrópolis: Vozes, 1976a.

FERNANDES, Florestan. **Circuito Fechado: Quatro ensaios sobre o “poder institucional”**. São Paulo: HUCITEC, 1976b.

Outras Bibliografias

BERTONHA, João Fábio. **Os Canadenses**. São Paulo: Contexto, 2021.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000.

FICO, Carlos. **História do Brasil Contemporâneo**. 1ª. ed. 4ª. reimpressão. (Coleção História na Universidade). São Paulo: Contexto, 2021.

JACOBY, Russel. **Os últimos intelectuais**. São Paulo: Trajetória Cultural: Editora da USP, 1990.

NOVAIS, Fernando. *Entrevista*. In: MORAES, José Geraldo Vinci de. **Conversas com historiadores brasileiros. [entrevistas por] José Geraldo Vinci de Moraes e José Marcio Rego**. São Paulo: Ed. 34, 2002.

SAID, Edward W. **Representações do Intelectual: As Conferências Reith de 1993**. Trad. Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SORJ, Bernardo. *O Cebrap nos anos 70: Consolidação e maturidade (1971-1978)*, p. 41-62. <https://books.scielo.org/id/3nwpf/pdf/sorj-9788599662472-05.pdf> In: SORJ, Bernardo. **A construção intelectual do Brasil contemporâneo: da resistência à ditadura ao governo FHC [online]**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008.